

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Especialização em Psicologia do Trabalho

PRISCILLA SIMÕES F. SILVA

**ALCOOLISMO E TRABALHO: ESTUDO DE CASO DE UM MOTORISTA DO  
TRANSPORTE COLETIVO URBANO EM BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte  
2004

PRISCILLA SIMÕES F. SILVA

**ALCOOLISMO E TRABALHO: ESTUDO DE CASO DE UM MOTORISTA DO  
TRANSPORTE COLETIVO URBANO EM BELO HORIZONTE**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia do Trabalho da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Psicologia do Trabalho.

Orientadora: Maria Elizabeth Antunes Lima.

Belo Horizonte  
2004

150 Silva, Priscilla Simões Ferreira.  
S586a Alcoolismo e trabalho [recurso eletrônico] : estudo de caso  
2004 de um motorista do transporte coletivo urbano em Belo  
Horizonte / Priscilla Simões Ferreira Silva. - 2004.  
1 recurso online (68 f. ) : pdf  
Orientadora: Maria Elizabeth Antunes Lima.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Psicologia do Trabalho - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.Saúde mental. 2. Trabalho. 3.Alcoolismo. I. Lima, Maria  
Elizabeth Antunes. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III .Título.



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31.270-901 - Belo Horizonte - MG

### **Especialização em Psicologia do Trabalho**

#### **Ata de Defesa de Monografia de Priscilla Simões Ferreira Silva**

Aos dois dias do mês de julho de dois mil e quatro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia do Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho, composta por Orientador: Maria Elizabeth Antunes Lima, José Newton Garcia Araújo e Vanessa Andrade de Barros (membros) para examinar a monografia intitulada "Alcoolismo e Trabalho: estudo de caso de um motorista do transporte coletivo urbano de Belo Horizonte", de Priscilla Simões Ferreira Silva. Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da monografia. Para constar, foi lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Coordenadora.

Belo Horizonte, 02 de julho de 2004

Profa. Dra. Vanessa Andrade de Barros  
Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho

## **AGRADECIMENTOS**

Desejo agradecer primeiramente à minha família, especialmente aos meus pais, Cláudio e Maria de Lourdes, pelo apoio que certamente contribuiu para que essa pesquisa pudesse ser realizada e pela compreensão de minhas ausências.

À professora Elizabeth Antunes, que gentilmente me orientou e sempre representou para mim um modelo de profissional na área de psicologia do trabalho, desde os tempos da graduação.

Aos professores do curso, especialmente à professora Íris Barbosa Goulart.

A Maílce, por sua dedicação e disposição em ajudar.

E aos meus colegas de turma, que me fizeram passar momentos agradáveis e enriqueceram as aulas com discussões.

Desejo agradecer também, de forma especial, ao pessoal do Sindicato e principalmente ao Daniel, porque sem ele esse trabalho não teria acontecido.

## Resumo

Procuramos com o presente estudo de caso, investigar e levantar questões acerca do sofrimento advindo da organização do trabalho de motoristas de ônibus e suas possíveis relações com o abuso do álcool entre esses profissionais. Para isso, resgatamos a história pessoal e de trabalho de um motorista de ônibus para que com isso, pudéssemos reconstruir as possíveis causas de seu adoecimento em relação as suas condições de trabalho. O método utilizado foi o estudo de caso, com a realização de entrevistas em profundidade para que pudéssemos reconstruir a história pessoal e a trajetória profissional do sujeito, a fim de entendermos um pouco mais os problemas que permeiam a categoria, já que em estudos anteriores detectaram evidências de uma possível relação entre esta doença e essa profissão. Acreditamos assim, que um estudo qualitativo poderia nos dizer algo mais a respeito da organização e das condições de trabalho na categoria dos motoristas. Com isso, consideramos que um aprofundamento no sentido de identificar possíveis fatores que estariam contribuindo para a elevada incidência de alcoolismo entre os motoristas seria importante no sentido de compreendermos um pouco mais a questão do uso do álcool nessa categoria. Nossa intenção aqui foi essencialmente a de investigar e levantar questões acerca da realidade estudada, sem a pretensão de encontrar respostas definitivas para um problema tão complexo e ainda pouco desvendado. Esclarecemos que devemos ser cautelosos: os dados coletados e, sobretudo, o fato de serem apoiados em apenas um estudo de caso, são insuficientes para o estabelecimento de um nexos definitivo.

Palavras-chave: Saúde Mental e Trabalho. Organização do Trabalho. Alcoolismo.

## Abstract

With this case study, we seek to investigate and raise questions about the suffering arising from the organization of the work of bus drivers and its possible relationships with alcohol abuse among these professionals. For this, we rescued the personal and work history of a bus driver so that, with this, we could reconstruct the possible causes of his illness in relation to his working conditions. The method used was the case study, with in-depth interviews so that we could reconstruct the subject's personal history and professional trajectory, in order to understand a little more the problems that permeate the category, as detected in previous studies. evidence of a possible relationship between this disease and this profession. We therefore believe that a qualitative study could tell us something more about the organization and working conditions in the category of drivers. Therefore, we consider that a deepening in the sense of identifying possible factors that would be contributing to the high incidence of alcoholism among drivers would be important in order to understand a little more the issue of alcohol use in this category. Our intention here was essentially to investigate and raise questions about the studied reality, without the pretension of finding definitive answers to such a complex and still unsolved problem. We clarify that we must be cautious: the data collected and, above all, the fact that they are supported by only one case study, are insufficient to establish a definitive link.

Keywords: Mental Health and Work. Work Organization. Alcoholism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
CAPÍTULO I.....	22
CAPÍTULO II .....	33
CAPÍTULO III .....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
BIBLIOGRAFIA.....	68



Considerando as duas possibilidades de estudo acerca do campo da Saúde Mental e Trabalho, dentre as quais, a utilização do trabalho como recurso terapêutico e o trabalho como desencadeador de doenças, optamos pelo estudo da segunda, aquela que se preocupa em pesquisar a vertente patológica do trabalho, cujo foco de análise está na compreensão dos impactos das situações de trabalho sobre a saúde humana e que por isso, tem tentado explicar as formas de desgaste psíquico e sua incidência em determinadas categorias profissionais.

Nesse caso, procuramos estudar a categoria profissional dos motoristas de transporte coletivo urbano e sua relação com o alcoolismo, uma vez que já existem algumas evidências de uma possível relação entre esta doença e essa profissão.

Com o intuito de fundamentar nossa hipótese sobre a existência do uso de álcool por motoristas profissionais, iremos nos basear em um levantamento epidemiológico realizado pela professora Maria Elisabeth Antunes Lima e equipe nos hospitais psiquiátricos da cidade de Barbacena/MG onde foi possível identificar, dentre os 3931 prontuários analisados, as atividades profissionais de 1711 pacientes, entre os quais “os motoristas representam 1,9% da população economicamente ativa da região e na amostra representam 4% do total, isto é, praticamente o dobro” (LIMA, 2002, pág.17). Outro fato que nos chamou atenção foi a alta incidência de quadros de alcoolismo entre esses profissionais, o que segundo os dados obtidos, perfazem um total de 68,9%.

Acreditamos assim, que um estudo qualitativo poderia nos dizer algo mais a respeito da organização e das condições de trabalho na categoria dos motoristas, uma vez que, o estudo quantitativo feito anteriormente nos fornece apenas uma probabilidade da ocorrência do problema. Com isso, consideramos que um aprofundamento no sentido de identificar possíveis fatores que estariam contribuindo para a elevada incidência de alcoolismo entre os motoristas seria importante no sentido de compreendermos um pouco mais a questão do uso do álcool nessa categoria.

O método utilizado foi o estudo de caso, com a realização de entrevistas em profundidade para que pudéssemos reconstruir a história pessoal e a trajetória profissional do sujeito, a fim de entendermos um pouco mais os problemas que permeiam a categoria.

Para isso, recorreremos ao Sindicato dos Trabalhadores de Transporte Rodoviário de Belo Horizonte e Região, onde entramos em contato com Daniel, sujeito de nossa pesquisa e que atualmente se encontra afastado pelo INSS por problemas com o álcool e está abstinente há quatorze anos.

Por se tratar de uma pequena pesquisa, uma vez que voltamos nossa atenção para o estudo de apenas um único caso, não possuímos a pretensão de esgotar o assunto, tão complexo e ainda pouco estudado, mas apenas a de propor uma maior reflexão àqueles que se interessam pelo tema.

Assim, nossa monografia foi dividida em três capítulos, os quais abordaremos, ainda que brevemente a seguir.

No primeiro, procuramos explicitar três abordagens teóricas acerca da etiologia do alcoolismo: os modelos genético, psicológico e psicossocial.

O referencial genético se concentra em desenvolver pesquisas com gêmeos monozigóticos e dizigóticos, as quais mostram de maneira consistente um índice de concordância muito maior entre os primeiros do que entre os segundos, cuja concordância para transtornos relacionados ao álcool tende a não ser maior que a de irmãos não-gêmeos. Outras pesquisas se referem aos estudos de adoção, onde se observa que os filhos de pais com transtornos relacionados ao álcool ainda estão em risco para um transtorno dessa natureza, mesmo quando criados em famílias nas quais as figuras parentais não tem transtornos relacionados ao álcool.

Entretanto RAMOS nos diz que: “(...) o biológico daria a possibilidade de desenvolver a dependência de álcool, mas não a determinaria” (RAMOS, 1997, pág 38).

Ainda com base nas pesquisas sobre a causalidade genética do alcoolismo, podemos citar um artigo de José REIS do ano de 2001, em que ele relatou uma publicação na Revista Médica Americana em 1990, sobre a descoberta de um único gene que, segundo os autores da pesquisa, BLUM e NOBLE, seria o responsável pela propensão ao alcoolismo, fato que contraria o que era até então aceito na comunidade científica, uma vez que se acreditava na existência de um conjunto de genes capazes de tornar o indivíduo mais suscetível ao uso do álcool. Entretanto, depois de mencionar outros estudos a respeito do assunto, REIS afirma que as teses sobre genética e alcoolismo não são conclusivas.

A outra vertente que procura apontar algumas causas para o alcoolismo é a psicológica. De acordo com KAPLAN, para a psicanálise, os dependentes severos de álcool possuiriam superegos punitivos na puberdade ou seriam fixados no estágio oral de desenvolvimento psicosexual. No primeiro caso, o álcool seria uma forma de diminuição do estresse inconsciente e no segundo, haveria uma redução da ansiedade em pessoas fixadas no estágio oral através do consumo de substâncias pela boca, como no caso do álcool. Quanto à personalidade, os indivíduos que fariam uso dessa substância seriam

tímidos e ansiosos e recorreriam ao álcool para se auto-valorizarem e obterem uma elevação do sentimento de poder.

Nas abordagens cognitivo-comportamentais, o alcoolismo seria explicado por um padrão de hábito hiperaprendido e mal-adaptativo passível de modificação a partir da análise e manipulação dos estímulos desencadeadores ou situações de risco para o consumo de álcool.

Já a visão existencialista de VITOR FRANKL considera que no alcoolismo a busca frustrada de um sentido para a vida daria lugar a uma busca exagerada de prazer, mesmo que esse seja considerado um prazer negativo ou uma simples libertação do desprazer. É conveniente ressaltar que um dos objetivos da logoterapia é a auto-realização, atingida quando o homem consegue dar um sentido às suas ações e realizar valores.

Quanto ao modelo psicossocial da etiologia do alcoolismo, podemos observar que, segundo alguns teóricos, existe um padrão cultural no hábito de beber, o que fica demonstrado na maneira como alguns países toleram (ou não) o uso do álcool. Na Itália e na China, por exemplo, a embriagues é pouco aceita, ficando o consumo de álcool restrito às refeições devido ao seu papel de facilitador do processo de digestão. Nas comunidades judaicas, o ato de beber está relacionado aos rituais sagrados e por isso, seu uso acontece de forma extremamente controlada, enquanto que para os muçulmanos, existe ainda a proibição total desse hábito.

É importante esclarecer que, segundo KAPLAN, não existe atualmente um modelo único para a compreensão da etiologia do consumo de álcool, e que o conjunto de critérios adotados na definição tanto de dependência de substância quanto de abuso de substância se baseia no *modelo biopsicossocial*, em que vários fatores dentre os quais genéticos, psicológicos, sociológicos e farmacológicos contribuem para a formação de quadros relacionados ao uso de substâncias.

Além desses fatores, não podemos deixar de ressaltar o lugar que o trabalho assume na construção da identidade do ser social e por isso, destinamos o segundo capítulo ao estudo de algumas teorias que se referem ao alcoolismo no contexto de trabalho, algumas das quais apresentaremos brevemente a seguir.

O Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho publicado em 2001 pelo Ministério da Saúde considera que o trabalho é um dos fatores psicossociais de risco para o alcoolismo crônico e o uso de álcool e, nesse caso, poderia ser decorrente de prática defensiva ao agir como um meio de garantir a inclusão no grupo ou como uma forma de viabilizar o próprio

trabalho devido aos seus efeitos farmacológicos, dentre eles, o de calmante, euforizante, estimulante, indutor do sono, anestésico e antisséptico.

Encontramos além disso, algumas ocupações em que os trabalhadores fariam uso mais freqüentemente de álcool. Tais profissões se caracterizariam por ser:

“(…) socialmente desprestigiadas e mesmo determinantes de certa rejeição, como as que implicam contato com cadáveres, lixo e dejetos em geral, apreensão e sacrifício de cães; atividades em que a tensão é constante e elevada, como nas situações de trabalho perigoso (transportes coletivos, estabelecimentos bancários, construção civil); de grande densidade de atividade mental (repartições públicas, estabelecimentos bancários e comerciais); de trabalho monótono, que gera tédio; trabalhos em que a pessoa trabalha em isolamento do convívio humano (vigias); situações de trabalho que envolvem afastamento prolongado do lar (viagens freqüentes, plataformas marítimas, zonas de mineração)”.

Outro estudo, este realizado por CAMPANANA nos revela que na literatura de uma forma geral, fatores tais como fácil acesso ao álcool, ocupações que favorecem o afastamento social e sexual, atividades que exijam um alto rendimento físico e a falta de supervisão da chefia, são considerados como de risco para o alcoolismo relacionado ao trabalho.

SELIGMAN-SILVA, ao realizar um estudo com trabalhadores de indústrias de fertilizante, encontrou uma correlação entre a situação ocupacional e os problemas de dependência alcoólica:

“Houve entrevistados que mencionaram recorrer à bebida como um recurso para relaxar e amenizar a tensão vivenciada em situação de trabalho, onde estavam submetidos a pressão de chefias, grandes riscos, altas exigências de atenção e/ ou de responsabilidade, entre outras circunstâncias potencialmente ansiógenas ou constrangedoras (...)” (SELIGMAN-SILVA in NASSIF, 2002, pág 27).

Para citar outro exemplo, CHAVES e SOUZA relatam uma pesquisa realizada em uma grande empresa de computadores do Japão em que as grandes jornadas de trabalho, o trabalho de turno, o trabalho periculoso e com riscos de acidentes e a falta de reconhecimento pessoal, foram correlacionados com o alcoolismo. *(Por uma questão de tempo, citaremos apenas esses quatro exemplos).*

O capítulo três trata do estudo de caso, objeto de nossa monografia, onde procuramos abordar a questão do alcoolismo e suas implicações na categoria profissional dos motoristas de transporte coletivo.

Daniel, sujeito de nosso estudo, nasceu em Belo Horizonte a 1950. Quando perdeu seu pai, aos nove anos, começou a ajudar nos afazeres domésticos para que sua mãe pudesse trabalhar fora e assim, manter a família. Como as dificuldades enfrentadas eram muitas, passou a trabalhar aos quatorze anos em atividades informais, primeiro como catador de esterco nas ruas, depois como engraxate e carregador do mercado central. Já

nessa época, bebia socialmente com os amigos.

Depois que tirou sua carteira de motorista, começou a trabalhar como motorista de kombi na mesma empresa em que mais tarde o empregaria como motorista de ônibus.

Daniel permaneceu por nove meses na Viação Cruzeiro, a primeira em que trabalhou e cujo período corresponde ao ano de 1972. Relatou que apesar de considerá-la “uma grande escola”, possuía condições de trabalho muito ruins, com jornadas de trabalho que chegavam a treze ou quatorze horas por dia, horários incertos para começar e deixar o serviço, veículos em péssimas condições e itinerários esburacados. Relatou também que o chefe chegava a bater nos funcionários quando eles faziam alguma reclamação. Diante dessa situação, Daniel ficava calado, para segundo ele, “*não ter que apanhar também*”.

A única vantagem que apontou em relação às outras foi uma pausa dada pela chefia para que os motoristas pudessem fazer suas refeições. Nessa época, ainda não apresentava nenhum problema de saúde e nem com o álcool mas seu casamento começava a dar sinais de desgaste, o que culminou na separação com a primeira esposa.

Na viação Amazonas percebeu que a situação começava a se modificar um pouco, porque a partir daí, começou a fazer uso esporádico de bebidas alcoólicas para “*relaxar as tensões*”. Segundo Daniel, um dos motivos que o levou a beber foi a opressão vivida principalmente no que se refere à sua trajetória profissional porque se sentia explorado em seus empregos anteriores:

“(…) eu sempre fui uma pessoa que trabalhou. Quando não tinha trabalho, precisei até pedir esmola na rua (...) e também sempre fui muito maltratado nesses empregos. Eu era um bom funcionário mas acontecia muita exploração. Por isso, acho que foi criando uma revolta dentro de mim”.

Apesar de não se considerar dependente do álcool, o período de oito anos em que lá permaneceu, foi marcado pela instabilidade, uma vez que trabalhava durante certo tempo e saía da empresa, voltando a trabalhar logo depois:

“eu tinha um poder muito grande de recuperação do álcool, podia beber pouco, aí depois bebia muito novamente (...) então isso fez com que eu pensasse que controlava a bebida, mas eu já estava começando a ter o problema com ela nessa época, que corresponde aos anos de 1973 e 1974”.

Uma queixa apontada por ele em relação a essa empresa foi a de que o chefe não conversava com os motoristas sem a presença de um policial para que, no caso de haver alguma ocorrência sobre algum motorista e diante da recusa deste em assiná-la, a prisão pudesse ser efetuada imediatamente.

Em 1978 saiu definitivamente da viação Amazonas e começou a trabalhar na viação Santa Edwiges, empresa intermunicipal cujo itinerário era Belo Horizonte/Betim, afastando-se por um período de seis meses do álcool. A organização do trabalho foi, de

acordo com o seu relato, a grande motivação para que voltasse a beber novamente. Entre os vários fatores apontados, a forma de pagamento dos motoristas que era feita por meio de cotas, contribuiu significativamente para que voltasse a usar o álcool, o que fica bem exemplificado em seu relato:

“A diferença que tinha das outras empresas era o modelo de pagamento, mas os patrões te enganavam nos primeiros meses. Se hoje o salário do motorista é de R\$ 800,00, lá você recebia R\$ 1000,00 no primeiro mês e depois o salário ia caindo. O problema é que não tinha como fiscalizar, você sabe que fez tantas viagens, com tantos passageiros e eles simplesmente falam que você não alcançou a meta, ou que só fez a cota do salário. Então o que a gente recebia ficava sempre em torno de R\$ 800,00. É razoável, mas não era o que eles tinham prometido. Na verdade, é até propaganda enganosa”.

Outro problema apontado se refere às folgas semanais, que nunca coincidiam com os domingos, o que prejudicava o contato com a família.

Em 1981 foi contratado pela Viação Nova Suíça, onde permaneceu por seis anos. Nessa época, começou a beber com mais frequência e em maiores quantidades, chegando a ser impedido de trabalhar algumas vezes por estar alcoolizado. Para Daniel, essa foi a empresa mais rígida em que já trabalhou e a busca pela bebida aconteceu, segundo ele, pela ausência de liberdade dos motoristas, que não podiam expressar suas queixas.

“Na Nova Suíça, você tinha que escolher até as pessoas com que ia conversar. Conforme você conversasse, era chamado no escritório para dar satisfação do que você estava falando (...). Lá tinha um livro de ocorrência (...) que você era obrigado a assinar todo dia... Trabalhei lá de 1981 a 1987 e a mesma reclamação que eu tenho de lá, eu tenho das outras: a repressão... você só pode seguir ordens, só tem o direito de ficar calado”.

Na viação Euclásio, onde começa a trabalhar em 1987, Daniel se reconhece como dependente, apontando mais uma vez a organização e as condições de trabalho como cruciais para o agravamento do seu vício. Os problemas apontados mais frequentemente por ele e que não se limitam somente a essa empresa, mas de uma forma geral a todas as outras, se referem aos baixos salários recebidos pela categoria, à falta de tempo e lugares adequados para satisfazer as necessidades mais básicas, como por exemplo, utilizar o banheiro ou ter pausas adequadas para repouso e alimentação, a pressão exercida pela chefia, jornadas de trabalho excessivamente longas e com horas-extras de acordo com a conveniência das empresas, pressões de tempo para o cumprimento de horários, esforço físico demasiado, condições ruins das frotas em uso, altas exigências de atenção e/ou de responsabilidade, o medo constante de assaltos e à falta de reconhecimento do trabalho exercido.

Além disso, quando Daniel vivencia o que denominou de “auge da crise” provocada pelo uso de álcool, no período que abarca os anos de 1987 a 1989 ele já não consegue mais beber somente fora da jornada de trabalho:

“(…) no volante do carro, eu não agüentava mais tirar um horário de trabalho, largava serviço e ia beber. Pra trabalhar, eu tinha que ‘tomar uma’. No dia seguinte, quando chegava no trabalho, tinha que ‘tomar outra’ pra agüentar trabalhar e tinha dia de pegar serviço até com o olho meio bambo porque não tinha tido tempo pra descansar, de sono e cansaço porque não tinha dormido a noite”. E acrescenta: “Na Euclásio, até trabalhando eu tava bebendo”.

De uma forma geral, Daniel nos mostra que o acontecimento comum a todas as empresas era a exploração sobre os trabalhadores, sendo que estes eram quase sempre demitidos se não aceitassem as condições de trabalho que eram oferecidas, apontando também que a bebida cumpriu um papel de fuga e alívio para as tensões vividas, além de ser utilizada por outros trabalhadores da categoria:

“(…) eu tenho certeza que ir pelo caminho da bebida é uma maneira de esconder, de relaxar toda aquela tensão vivida diariamente. Muitos motoristas conseguem bancar a jornada de trabalho toda ela dentro de uma performance. Tem outros que são mais fracos e que quando acaba a jornada de trabalho está tão estressado, que o primeiro caminho dele é ‘tomar uma’. Tem muita gente que não bebe porque de natureza já detesta a bebida, então essas pessoas sofrem de outra maneira (...), eu já convivi com pessoas que davam cabeçadas na parede de chegarem a rachar a testa. Os que bebem são mais descontraídos, são menos violentos porque bebem pra relaxar, enquanto que o outro está tensionado. São duas situações, você põe na balança um que está explodindo, sempre tensionado e outro que está descontraído, mas sob o poder do álcool. Essa é a realidade”.

Sua entrada para o movimento sindical, em 1990, cumpriu um papel de libertação de toda a opressão vivida porque Daniel pôde conhecer melhor seus direitos e ajudar outros profissionais de sua categoria a conhecê-los também, situação que fica visível em seu discurso: “(…) *agora posso lutar e falar com os patrões de igual pra igual e isso que eu conquistei através de muita luta e sofrimento, ninguém me tira não. Estou orgulhoso*”.

Foi também no ano de 1990 que afastou-se definitivamente da bebida, o que sugere que, ao conquistar a possibilidade de expressar suas dificuldades e reivindicar seus direitos, conseguiu vislumbrar outra forma de lidar com o seu problema.

Atualmente, Daniel faz uso de medicação controlada, continua atuando no sindicato da categoria como assessor para questões políticas e permanece em abstinência.

Para concluir, ressaltamos mais uma vez, que não tivemos a pretensão de esgotar esse assunto, mas apenas a de propor reflexões a respeito do tema alcoolismo em uma categoria profissional, a partir da exposição do estudo de um único caso. Por isso, compreendemos que qualquer generalização não deveria ser aplicada.

Observamos que Daniel somente passou a se considerar alcoólatra anos mais tarde da instalação do problema, uma vez que já na viação Amazonas (período compreendido entre os anos de 1973 a 1978), apresentou sinais de que necessitava mais do álcool, embora somente em 1987, essa condição tenha se tornado evidente para ele. Esse fato pode sugerir que a bebida fazia e até hoje ainda faz parte da ‘cultura’ dos motoristas de ônibus, sendo

portanto, considerado um hábito normal.

Também podemos ver, que de acordo com dados do próprio sindicato, apenas 5% dos casos de afastamento pelo INSS são decorrentes do alcoolismo, sendo que a grande causa seria o estresse provocado pelas más condições de trabalho. O fato não reduz, porém a importância da presença do alcoolismo na categoria, uma vez que a informação que obtivemos foi a de que o motorista começaria a beber mais freqüentemente também em decorrência do afastamento, considerando ainda aqueles que não assumem sua dependência. Talvez se houvesse um levantamento mais cuidadoso, o número de afastamentos por envolvimento com bebidas alcoólicas fosse bem maior.

Outro fato que nos chamou atenção foi o de que Daniel somente conseguiu abandonar seu vício depois que começou a atuar no sindicato, ou seja, depois que teve oportunidade de intervir mais diretamente nas questões que envolvem seu trabalho. Dessa forma, talvez pudéssemos considerar que uma participação mais direta do trabalhador nessas questões seria uma importante forma de se diminuir o sofrimento mental e assim, prevenir doenças.

Não podemos desconsiderar também que, nesse caso, uma maior flexibilidade das condições e da organização do trabalho seriam válidas para que houvesse uma redução do adoecimento na categoria, já que as empresas citadas por Daniel apresentam semelhanças significativas nesses aspectos.

*Dessa forma, termino a exposição.*



## INTRODUÇÃO

O campo da Saúde Mental e Trabalho na França foi fortemente influenciado por um movimento, também iniciado naquele país, denominado Psiquiatria Social. A ocorrência desse movimento deveu-se a acontecimentos determinados pela II Guerra Mundial, entre os quais, a abertura dos hospitais psiquiátricos que, em função do conflito, viram-se desprovidos das condições mínimas necessárias para abrigar seus pacientes. Com o término da guerra, alguns psiquiatras decidiram retomar o contato com esses pacientes e, para espanto geral, verificaram que muitos deles estavam bem adaptados, vivendo bem com seus familiares e a sociedade, uma vez que estavam trabalhando e mostrando claros sinais de recuperação. Esse fato provocou sérias e proveitosas discussões acerca do significado da doença mental, dos diagnósticos e métodos de tratamento aplicados, o que refletiu também nos rumos tomados pela Saúde Mental e Trabalho, já que uma das hipóteses levantadas era a de que “o fator decisivo na evolução positiva dos quadros apresentados pelos pacientes teria sido o fato de estarem trabalhando, sentindo-se produtivos e mais valorizados pelo seu meio.” (LIMA, 2002, pág. 5).

Mas, paralelamente a essa discussão sobre o caráter terapêutico do trabalho, evoluía uma outra a respeito do seu papel na gênese das doenças mentais. Demonstrava-se, já nessa época que, enquanto algumas atividades podiam promover uma melhora no quadro mental dos pacientes, outras, ao contrário, até agravavam o problema já existente ou poderiam estar na sua origem. Nesse sentido, os estudos realizados por Louis Le Guillant (dentre eles “A neurose das telefonistas” e “As incidências psicopatológicas da condição da empregada doméstica”), foram fundamentais para constatar que “o exercício de certas atividades profissionais parecia estar estreitamente relacionado com o surgimento de certos quadros

psicopatológicos” (LIMA, 2002, pág. 5). É importante ressaltar que suas pesquisas inspiraram um estudo realizado recentemente em Barbacena, sobre o qual falaremos mais tarde.

Dentre as duas possibilidades de estudo (o trabalho como recurso terapêutico e o trabalho como desencadeador de doenças), optamos pela segunda, a que se preocupa em pesquisar a vertente patológica do trabalho, cujo foco de análise está na compreensão dos impactos das situações de trabalho sobre a saúde humana e que por isso tem tentado explicar as formas de desgaste psíquico e sua incidência em determinadas categorias profissionais.

Assim, surgiu o interesse em estudar uma determinada categoria em suas particularidades, a saber, a dos motoristas de transporte coletivo urbano e sua relação com o alcoolismo, uma vez que já existem evidências de uma possível relação entre esta doença e essa profissão. Fizemos, portanto, um estudo qualitativo no qual utilizamos como método o *estudo de caso*.

A fim de fundamentar nossa hipótese sobre a existência de uma relação entre o exercício da atividade de motorista e o uso do álcool, iremos nos basear em um levantamento epidemiológico realizado pela professora Maria Elizabeth Antunes Lima e equipe nos hospitais psiquiátricos da cidade de Barbacena/MG. É importante esclarecer desde já que não temos a pretensão de esgotar o assunto, mas sim, a de compreender mesmo que minimamente a questão do alcoolismo nesse contexto específico de trabalho.

O estudo acima mencionado sugere que o alcoolismo se encontra presente de forma significativa entre os motoristas, o que, além de trazer sérios prejuízos à saúde física e mental desses trabalhadores, também apresenta graves riscos à população em geral pela possibilidade da ocorrência de acidentes. Os dados coletados nos mostram que dos 3931 prontuários de pacientes dos hospitais e clínicas psiquiátricas da cidade analisados,

conseguiu-se identificar as atividades profissionais de 1711 pacientes entre os quais “os motoristas representam 1,9% da população economicamente ativa [da região] e na amostra representam 4% do total, isto é, praticamente o dobro.” (LIMA, 2002, pág. 17).

Mas o essencial para o nosso estudo é que se constatou que:

“Os motoristas apresentaram uma forte presença de quadros de alcoolismo (68,9%), sendo que os outros distúrbios aparecem em frequências bem menores e distribuídos de forma mais ou menos homogênea, destacando-se esquizofrenias/transtornos esquizotípicos/transtornos delirantes (8,2%), transtornos de humor (9,8%) e transtornos neuróticos, estresse e somatoformes (8,2%)”. (LIMA, 2002, MIMÉO).

Na pesquisa foram identificadas também cinco categorias profissionais com alta probabilidade de apresentar o alcoolismo, sendo que a análise probabilística deu os seguintes resultados:

- “as chances de os profissionais pertencentes à categoria Transporte/Outros apresentarem transtornos mentais pelo uso de álcool é de 3,06 vezes as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas;
- as chances de os profissionais pertencentes à categoria Transporte/Motorista apresentarem transtornos mentais pelo uso de álcool é de 2,44 vezes as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas;
- as chances de os profissionais pertencentes à categoria Polícia Militar apresentarem transtornos mentais pelo uso de álcool é de 2,37 vezes as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas;

---

<sup>1</sup> Nesta categoria foram incluídos aqueles profissionais que trabalham na área de transporte, mas sem atuarem como motoristas, tais como: trocadores e ajudantes de caminhão.

- as chances de os profissionais pertencentes à categoria Construção Civil apresentarem transtornos mentais pelo uso de álcool é de 2,30 vezes as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas;
  - as chances de os profissionais pertencentes à categoria Mecânico apresentarem transtornos mentais pelo uso de álcool é de 1,97 vezes as chances de outros profissionais apresentarem os mesmos problemas”.
- (LIMA, 2002, MIMEO).

Embora esses resultados tenham sido extraídos de um estudo epidemiológico, ou seja, apesar de oferecerem apenas uma indicação, isto é, uma *probabilidade* da ocorrência dos problemas, eles nos dão uma pista sobre a presença de um grave problema envolvendo todas essas categorias, inclusive a de motoristas, que se encontra em 2º lugar. Assim, acreditamos que um estudo qualitativo poderia nos dizer algo mais a respeito da organização e das condições de trabalho na categoria de motoristas, uma vez que, apesar da expressividade dos primeiros resultados, essa etapa é essencial no sentido de identificar os fatores que estariam contribuindo para a ocorrência do problema.

Além disso, é importante lembrar que a pesquisa foi realizada na região do Campo das Vertentes e por isso, seus dados não devem ser transpostos integralmente para todo o estado de Minas Gerais, ou mesmo para Belo Horizonte, cidade onde fizemos nossas entrevistas para a monografia. Apesar disso, a pesquisa em Belo Horizonte se justifica, uma vez que os resultados obtidos em Barbacena são fortemente sugestivos de presença de problemas de alcoolismo entre os motoristas profissionais, em geral.

Para uma visão mais ampliada dos aspectos tratados no estudo de caso propriamente dito, dividiremos a monografia em três capítulos. No primeiro, intitulado “Considerações sobre as diferentes abordagens teóricas acerca da etiologia do alcoolismo”, trataremos de três correntes teóricas que tratam das causas do alcoolismo: os modelos genético ou

biológico, o psicológico e o psicossocial. No segundo capítulo, apresentaremos algumas teorias a respeito do alcoolismo no contexto de trabalho, por considerar essenciais para o questionamento do problema. O terceiro capítulo, “Estudo de caso: uma reflexão sobre o alcoolismo e suas implicações tomando como sujeito um motorista do transporte coletivo urbano de Belo Horizonte”, destinar-se-á ao estudo de um caso no qual, a partir de entrevistas em profundidade, pretendemos entender um pouco melhor a questão do alcoolismo considerando a profissão de motorista de coletivos urbanos em Belo Horizonte. Nas “Considerações Finais”, procuraremos problematizar o assunto e levantar possíveis alternativas para o alcoolismo na categoria estudada.

## CAPÍTULO I

### **Considerações sobre as Diferentes Abordagens Teóricas acerca da Etiologia do Alcoolismo: a Causalidade Genética, Psicológica e Psicossocial**

O alcoolismo é definido pelo Manual de doenças relacionadas ao trabalho (BRASIL, 2001) como “*um modo crônico e continuado de usar bebidas alcoólicas, caracterizado pelo descontrole periódico da ingestão ou por um padrão de consumo de álcool com episódios freqüentes de intoxicação e preocupação com o álcool e o seu uso, apesar das conseqüências adversas desse comportamento para a vida e a saúde do usuário*” (pág. 175). Em 1990, a Sociedade Americana das Dependências considerou o alcoolismo como uma doença crônica que tem seu desenvolvimento e manifestações influenciados por fatores genéticos, psicológicos e psicossociais.

Contudo, antes de falarmos a respeito do álcool, que nesse trabalho é nosso objeto de estudo, faz-se necessária uma breve diferenciação entre os termos *dependência* e *abuso* de substância.

Segundo Harold Kaplan (1997), basicamente dois conceitos têm sido invocados com relação à definição da dependência de álcool e de drogas: *dependência comportamental* e *dependência física*. A primeira refere-se às atividades pela busca da substância, além de evidências correlatas de padrões de uso patológico, enquanto que a segunda reflete os efeitos fisiológicos que os múltiplos episódios de uso da substância provocam. É importante ressaltar que os conceitos de tolerância e abstinência têm sido usados como critério para a classificação da dependência física.

Os critérios diagnósticos para *dependência de substância* (KAPLAN, 1997) seriam, entre outros:

“a substância é freqüentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido; existe um desejo persistente ou esforços mal-sucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância; muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção da substância ou na recuperação de seus efeitos; importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância; o uso da substância continua apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pela substância.” (KAPLAN, 1997, pág. 373).

O conceito de *abuso de substância* é definido pelo DSM-IV (quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) como caracterizado pela presença de pelo menos um sintoma específico, indicando que o uso da substância interferiu na vida da pessoa. Entre os critérios diagnósticos estão:

“uso recorrente da substância resultando em um fracasso em cumprir obrigações importantes relativas a seu papel no trabalho, na escola ou em casa; uso recorrente da substância em situações nas quais isso representa perigo físico; problemas legais recorrentes relacionados à substância; uso continuado da substância, apesar de problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos da substância”. (KAPLAN, 1997, pág. 374 ).

De acordo com Harold Kaplan (id. ib.), o abuso e a dependência do álcool são, de longe, os transtornos mais comuns relacionados a substâncias. Seus estudos nos mostram que cerca de 85% de todos os habitantes dos Estados Unidos consumiram uma bebida contendo álcool pelo menos uma vez em suas vidas e cerca de 51% de todos os adultos norte-americanos são usuários atuais de álcool. O termo alcoolismo não é, no entanto, um termo utilizado oficialmente por sua significação pouco precisa, sendo que, nos diagnósticos oficiais e no próprio DSM-IV, a nomenclatura utilizada é *abuso e dependência de álcool*, que em termos qualitativos difere um pouco daquela utilizada para outras substâncias, porque nos transtornos relacionados ao álcool os critérios são os mesmos para a definição de dependência e abuso.

Entre os sintomas para o diagnóstico de abuso e dependência de álcool, poderíamos citar:

“a necessidade de um uso diário de grandes quantidades para um funcionamento adequado; um padrão regular de consumo pesado de álcool limitado aos fins-de-semana e longos períodos de sobriedade mesclados a episódios de uso pesado de álcool com duração de semanas ou meses”. (KAPLAN, 1997, pág. 387).

Comumente esses padrões associam-se com determinados tipos de comportamentos tais como:

“incapacidade de reduzir ou cessar o consumo de álcool; esforços repetidos no sentido de controlar ou reduzir o consumo excessivo, ficando a seco ou restringindo o consumo a certos períodos do dia; consumo ocasional de grandes quantidades de álcool; períodos amnésicos para eventos que ocorreram enquanto intoxicado; continuação do consumo de álcool apesar de um sério transtorno físico que a pessoa sabe ser exacerbado pelo uso de álcool e consumo de álcool impróprio à ingestão, como combustível e produtos comerciais contendo álcool”. (KAPLAN, 1997, pág. 387).

Além disso, podemos verificar a existência de todo um comprometimento no funcionamento social e ocupacional, no qual se tornam comuns o uso da violência enquanto se está embriagado, as faltas ao trabalho (acarretando muitas vezes a perda do emprego) e discussões com membros da família ou amigos.

Entre os transtornos causados pelo álcool, citaremos a *intoxicação com álcool* e a *abstinência de álcool* por acreditarmos serem esses os mais comumente vistos, ficando os outros (*demência persistente induzida por álcool, transtorno amnésico persistente induzido por álcool, transtorno psicótico induzido por álcool e síndrome alcoólica fetal*) mais restritos a hospitais e casas de internação especializadas.



A intoxicação com álcool correlaciona-se com a concentração de álcool no sangue, o que reflete na concentração alcoólica no cérebro. Entre os critérios para intoxicação, podemos citar:

“ingestão recente de álcool; alterações comportamentais ou psicológicas clinicamente significativas e mal-adaptativas (por exemplo, instabilidade de humor) desenvolvidas durante ou logo após a ingestão de álcool; fala arrastada; falta de coordenação; marcha instável; nistagmo; comprometimento da atenção ou memória e estupor ou coma”. (KAPLAN, 1997, pág. 387).

É importante salientar que o transtorno de intoxicação por álcool não se apresenta como uma condição trivial, pois pode levar ao coma, à depressão respiratória e à morte em virtude de parada respiratória.

A abstinência de álcool é definida pelo DSM-IV como a *cessação ou redução do uso pesado e prolongado do álcool*, bem como a presença de sintomas físicos e neuropsiquiátricos específicos, a saber: “*hiperatividade autonômica (sudorese e/ou taquicardia); tremor intensificado; insônia; náusea; alucinações ou ilusões visuais, táteis ou auditivas transitórias; agitação psicomotora; ansiedade e convulsões de grande mal*”. (KAPLAN, 1997, pág. 387). Outros sintomas incluem: irritabilidade; sintomas gastrintestinais e rubor facial.

Para o tratamento, os medicamentos utilizados com mais recorrência são os benzodiazepínicos, que agem no controle da atividade convulsiva, ansiedade, hipertensão e tremores. Atualmente, a carbamazepina também tem se mostrado eficaz e a droga está se tornando mais comum nos Estados Unidos e Europa.

Alguns dos efeitos fisiológicos do álcool no organismo, são descritos a seguir mas ressaltamos que a gravidade desses efeitos dependerá em parte da quantidade de álcool ingerida e do tempo de uso da substância pelo indivíduo.

- *Absorção*: cerca de 10% do álcool é absorvido no estômago, sendo o restante absorvido no intestino delgado. A concentração sanguínea máxima é alcançada em 30 a 90 minutos dependendo se o álcool foi ingerido com

estômago vazio, o que aumenta a absorção ou com alimentos, o que retarda a absorção. (KAPLAN, 1997, pág. 385).

- *Metabolismo*: cerca de 90% do álcool absorvido é metabolizado por oxidação hepática, sendo os restantes 10% excretados de forma inalterada pelos rins e pulmões. O álcool é metabolizado por duas enzimas, a álcool desidrogenase (ADH) e a aldeído desidrogenase, sendo que essa última, por estar menos presente nas mulheres, talvez seja a explicação para o fato de que elas se intoxicam mais rapidamente que os homens, quando ingerida a mesma quantidade de substância. (KAPLAN, 1997, pág. 385).
- *Fígado*: os principais efeitos adversos associados ao uso de álcool estão relacionados a danos ao fígado, que com o passar do tempo, passa a acumular gorduras e proteínas. As doenças mais comuns relacionadas são a hepatite alcoólica e cirrose hepática. (KAPLAN, 1997, pág. 386).
- *Sistema gastrintestinal*: o consumo pesado de álcool pode interferir nos processos normais de digestão e absorção dos alimentos, inibindo a capacidade do intestino de absorver vários nutrientes, entre eles, as vitaminas do complexo B. Entre as doenças associadas estão a esofagite, gastrite, úlceras gástricas, pancreatite e câncer pancreático. (KAPLAN, 1997, pág. 386).

Conforme vimos, muitos são os efeitos do álcool sobre a saúde física e mental dos indivíduos. Sobre as possíveis causas do alcoolismo, destacaremos três teorias, que tentam explicar os transtornos relacionados ao álcool através de modelos *genéticos*, *psicológicos* e *psicossociais*.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> De acordo com Kaplan, não é necessário distinguir cada um dos fatores, exceto para fins de pesquisa. O tratamento do alcoólatra deve se basear naquele que for mais efetivo.

### *A causalidade genética, psicológica e psicossocial*

De acordo com KAPLAN (id. ib.), há fortes indícios da influência de fatores genéticos na determinação do alcoolismo em pelo menos alguns transtornos. Pesquisas realizadas com gêmeos monozigóticos e dizigóticos, mostram de maneira consistente um índice de concordância muito maior entre os primeiros do que entre os segundos, cuja concordância para transtornos relacionados ao álcool tende a não ser maior que a de irmãos não-gêmeos. Nesse caso, descobriu-se que os pacientes com transtorno relacionado ao álcool com histórias familiares de abuso de álcool, tendem a ter formas severas do transtorno e mais problemas relacionados ao álcool do que os pacientes sem essas histórias familiares. Além disso, muitos estudos têm mostrado que as pessoas com parentes em primeiro grau afetados com um transtorno relacionado ao álcool, estão de três a quatro vezes mais propensas a terem um transtorno desse tipo do que as que não têm parentes de primeiro grau afetados.

Os efeitos dos fatores ambientais compartilhados têm sido enfocados por meio de estudos de adoção. Esses estudos mostram que os filhos de pais com transtornos relacionados ao álcool ainda estão em risco para um transtorno dessa natureza, mesmo quando criados em famílias nas quais as figuras parentais não tem transtornos relacionados ao álcool. Além disso, os filhos de pais biológicos que não têm um transtorno relacionado ao álcool não são colocados em risco aumentado para o transtorno, se são criados em ambientes nos quais as figuras parentais tenham transtornos relacionados ao álcool.

Entretanto, RAMOS (1997) nos diz que:

“Consideradas em seu todo, as pesquisas sobre a contribuição da genética no desenvolvimento do alcoolismo sugerem que as possíveis diferenças biológicas que distinguiriam dependentes de álcool de não-dependentes de álcool não implicam predisposição orgânica ao alcoolismo propriamente dito, mas sim diferentes probabilidades de as pessoas fazerem uso contínuo de álcool, que é condição necessária embora não suficiente para o desenvolvimento do alcoolismo. Em síntese, o biológico daria a possibilidade de desenvolver a dependência de álcool, mas não a determinaria. Seria um dos fatores de vulnerabilidade”. (RAMOS, 1997, pág. 38).

Ainda com base nas pesquisas sobre a causalidade genética do alcoolismo, podemos citar um artigo de REIS (2001), no qual ele relata uma publicação na Revista da Associação Médica Americana em 1990, sobre a descoberta de um único gene que, segundo os autores da pesquisa, KENNETH BLUM e ERNST NOBLE, seria o responsável pela propensão ao alcoolismo, fato que contraria o que era até então aceito na comunidade científica, uma vez que se acreditava na existência de um conjunto de genes capazes de tornar o indivíduo mais suscetível ao alcoolismo. O gene do receptor D2 da dopamina (também conhecido simplesmente como D2) teria duas variantes, A1 e A2 que de acordo com ROBERT KARP, seriam meros marcadores da região em que está o D2.

Reis cita ainda as pesquisas de BLUM e NOBLE que compararam material genético de 35 cadáveres de alcoólicos com outro número representativo de não-alcoólicos e descobriram o A1 em 69% dos alcoólicos e em 20% dos controles. Verificaram a seguir que os cérebros dos cadáveres com A1 possuíam menos receptores D2 do que os com o marcador A2. Dessa forma, concluíram que os portadores de A1 talvez encontrem no álcool uma compensação para suprir a capacidade reduzida de absorver dopamina, (sabe-se que ela é um importante neurotransmissor ligado a sensações de prazer e está relacionada a certas doenças nervosas tais como a esquizofrenia), mas tal conclusão é polêmica.

REIS conclui que esses resultados não são definitivos e ilustra isto com posições contrárias às teses de BLUM e NOBLE, como por exemplo, a de BOLOS e de GELERNTER que negam as relações de A1 com o alcoolismo. Outro autor mencionado no

mesmo artigo, CLONINGER, enxerga a relevância de dados estatísticos entre a presença do A1 em pessoas alcoólicas mas, cautelosamente, posiciona-se contra qualquer colocação que entenda tal presença como sendo a causa do alcoolismo. A maior dificuldade nessas pesquisas parece ter sido apontada por KIDD, também mencionado muito rapidamente por REIS. Para ele, a frequência do gene D2 “varia muito entre as populações” e o problema reside precisamente na dificuldade de se controlar essas variações.

Como podemos verificar, esse assunto ainda não avançou muito rumo a um consenso na comunidade científica e o mencionado artigo, importante pela temática mas insuficiente para um aprofundamento das questões, é finalizado por REIS afirmando que as teses sobre genética e alcoolismo não são conclusivas.

O modelo psicológico de inspiração psicanalítica, segundo KAPLAN (id. ib.), considera, por sua vez, que os dependentes severos de álcool possuiriam superegos punitivos na puberdade ou seriam fixados no estágio oral de desenvolvimento psicosssexual. No primeiro caso, o álcool seria uma forma de diminuição do estresse inconsciente (um aforismo psicanalítico comum é o de que o superego é solúvel em álcool) e no segundo, haveria uma redução da ansiedade em pessoas fixadas no estágio oral através do consumo de substâncias pela boca, como no caso do álcool. Existem teses na psicanálise que preconizam que *“os indivíduos com transtorno relacionado ao álcool seriam tímidos, isolados, facilmente irritáveis, ansiosos, hipersensíveis e sexualmente reprimidos. Dessa forma, o consumo de álcool por essas pessoas poderia levar a uma elevação do sentimento de poder e de auto-valorização”*. (NASSIF, 2002).

As abordagens cognitivo-comportamentais por outro lado, ressaltam que o alcoolismo seria explicado por:

“um padrão de hábito hiperaprendido e mal-adaptativo passível de modificação, a partir da análise e manipulação dos estímulos desencadeadores (situações de alto risco); fatores de reforçamento (status especial, aprovação dos amigos etc); a função do álcool na vida do indivíduo (redução da ansiedade, facilitação da interação social, etc) e, mais tarde, o efeito de manutenção do consumo através do reforçamento negativo (alívio dos sintomas de abstinência). Aliadas a isso, existem as motivações, expectativas e crenças sobre os efeitos do álcool, que são comprovadamente formadas em idade anterior ao uso da substância.” (NASSIF, 2002, págs. 11 e 12).

Dentro da visão existencialista de VITOR FRANKL<sup>3</sup>, (FRANKL *in* NASSIF, 2002) no alcoolismo, a busca frustrada de sentido dá lugar a uma busca exagerada do prazer, mas de um prazer negativo, ou seja, uma simples libertação do desprazer.

De acordo com essa teoria, existem três caminhos principais através dos quais se pode chegar ao sentido da vida: criar um trabalho ou fazer uma ação, experimentar algo ou encontrar alguém e transformar a tragédia pessoal em triunfo. Os dois primeiros caminhos significam dizer que o sentido pode ser encontrado tanto no trabalho como no amor. Contudo, considerando o trabalho profissional como campo possível de realização criadora de valores e da realização única e plena de si mesmo, FRANKL aponta para o fato de que a relação natural do homem com seu trabalho, muitas vezes, sofre um desvio em virtude das circunstâncias dominantes do trabalho, circunstâncias essas nas quais “*só se pode conceber o trabalho como simples meio para um fim, o fim de ganhar a vida, de ganhar os meios necessários para viver a vida propriamente dita*”. (FRANKL *in* NASSIF, 2002, pág, 14).

---

<sup>3</sup> A logoterapia criada por Vitor Frankl é uma psicoterapia centrada no sentido, onde o objetivo do homem é o de realizar um sentido e de realizar valores e não o de realizar a si mesmo. Ao realizar um sentido, a auto-realização surge espontaneamente. Porém se essa busca de sentido for frustrada, acontece o que nessa forma de psicoterapia é denominado de vácuo existencial, vazio interior ou falta de sentido da vida.

Para ele, o trabalho pode ser tanto uma fonte de sentido da vida, como pode configurar uma fonte de frustração existencial.

Segundo os adeptos dos modelos psicossociais na etiologia do alcoolismo, tem ocorrido uma redução da importância da questão social nas explicações para a gênese da doença, devido a ênfase que é dada aos outros dois modelos. Segundo esses teóricos, (os quais serão mencionados a seguir), existe um padrão cultural no ato de beber. Na Itália e na China, a embriaguez é mal tolerada, ficando o consumo de álcool restrito somente às refeições devido a seu papel de facilitador do processo de digestão. A França, por sua vez, revela-se como um país em que existe uma regularidade no consumo principalmente do vinho devido à crença dessa bebida ser um fármaco de ação prolongada. Nas comunidades judaicas, a utilização do álcool encontra-se restrita aos rituais sagrados e dessa forma, o uso do álcool é extremamente controlado e ritualizado. Para os muçulmanos, existe ainda a proibição total da utilização de bebidas alcoólicas.

Assim, seria praticamente impossível ou no mínimo irresponsável, desconsiderar a influência que a cultura na qual o indivíduo está inserido exerce nos hábitos do consumo do álcool. EDWARDS (EDWARDS *in* NASSIF, 2002) nos fornece o conceito de atmosfera social ao referir-se às diferentes formas de se considerar o uso de bebidas, de compreender os problemas relacionados com esse consumo e de definir medidas apropriadas para lidar com eles, em dado momento da sociedade. Desse modo, o autor observa que a forma e o nível de disponibilidade do álcool numa comunidade sugerem sua aceitabilidade ou adequação social e também que os controles ambientais na disponibilidade do álcool podem afetar seu uso.

Já quanto à esfera micro social, ALONSO-FERNÁNDEZ (ALONSO-FERNÁNDEZ *in* NASSIF, 2002) acredita que a postura adotada pela família frente ao hábito etílico de um de seus membros, repercutirá sobre a própria conduta alcoólica,

debilitando-a ou reforçando-a. Isso implicaria na distinção entre as posturas familiares pró-alcoólicas e anti-alcoólicas. Paralelamente a esse fato, não podemos negar a contribuição dada pelo modelo sistêmico (mais freqüentemente utilizado em terapias familiares) em que a questão da homeostase é de suma importância, ou seja, numa família disfuncional, o álcool pode ser usado como forma de manter o sistema familiar.

Retomando o que foi dito a respeito das possíveis causas para o consumo de álcool, percebemos atualmente que não há uma preferência por um modelo único na compreensão da etiologia desse consumo e que o conjunto de critérios adotados na definição tanto de dependência de substância quanto de abuso de substância se baseiam no *modelo biopsicossocial* em que múltiplos fatores dentre os quais, genéticos, psicológicos, sociológicos e farmacológicos contribuem para a formação dos quadros clínicos relacionados ao uso de substâncias. Segundo KAPLAN,

“A disponibilidade da droga, sua aceitação social e pressão por companheiros podem ser os principais determinantes da experimentação inicial com uma droga, mas outros fatores, tais como personalidade e biologia individual, provavelmente são mais importantes com relação ao modo como os efeitos de determinada droga são percebidos”. (KAPLAN, 1997, pág. 828).

Contudo, não podemos deixar de mencionar a importância que o trabalho assume na construção da identidade do ser social, uma vez que é através dele que o homem transforma a natureza e, nesse processo, se forma e se transforma dialeticamente. Desse modo, podemos pensar o trabalho como uma categoria fundante desse ser social, pois o homem realiza sua subjetividade na materialidade objetiva, isto é, na natureza sobre a qual atua, a fim de modificá-la. Neste caso, ele poderia ter também sua importância na compreensão do alcoolismo.

Abordaremos a seguir, alguns estudos realizados sobre o alcoolismo no contexto de trabalho.



## **CAPÍTULO II**

### **O Alcoolismo no Contexto de Trabalho**

Com relação às teorias sobre alcoolismo e trabalho, podemos dizer que ainda é pequeno o número de publicações que tratam especificamente do tema, sendo que a grande maioria das pesquisas se referem a dados epidemiológicos sobre o alcoolismo nas empresas ou a programas empresariais de recuperação de trabalhadores dependentes.

Em sua revisão bibliográfica sobre o tema, Nassif (2002, op. cit.) apresenta alguns estudos, que serão expostos a seguir. Ressaltamos que os autores citados não constam em nossa bibliografia, uma vez que não foram consultados diretamente por nós.

SELIGMANN-SILVA (in NASSIF, 2002), ao realizar um estudo com trabalhadores de indústrias de fertilizante, encontrou uma correlação entre a situação ocupacional e os problemas de dependência alcoólica:

“Houve entrevistados que mencionaram recorrer à bebida como recurso para relaxar e amenizar a tensão vivenciada em situação de trabalho, onde estavam submetidos a pressão de chefias, grandes riscos, altas exigências de atenção e ou de responsabilidade, entre outras circunstâncias potencialmente ansiógenas ou constrangedoras (...)”. (SELIGMAN-SILVA in NASSIF, 2002, pág. 27).

Em um outro estudo, FORTES citado por NASSIF (id. ib.) constatou que 50% dos trabalhadores do SAEC e dos Serviços de Limpeza Pública da Prefeitura Municipal de São Paulo, fazia uso de bebidas alcoólicas. Esse fato pode mostrar, segundo a autora, que o trabalhador utilizaria o álcool como um meio de se proteger das más condições de trabalho, tais como a exposição constante ao frio, ao calor e à chuva. Além disso, relata que os proprietários de bares “gratificam” esses trabalhadores com destilados.

SANTOS (in NASSIF, id.) corrobora esses dados em sua dissertação de mestrado ao citar em sua revisão bibliográfica um estudo de ROBAZZI que relata ser de 81,11% o índice de ingestão de bebidas alcoólicas entre os coletores de lixo, percentual que aumentou

de modo significativo de 1975 a 1984, período abarcado pela referida pesquisa. Nesse estudo, publicado em 1999, SANTOS constatou que o acesso ao álcool entre os coletores de lixo é fácil e freqüente porque a bebida é utilizada como forma de pagamento pelos donos de estabelecimentos que a oferecem aos trabalhadores em troca de pequenos serviços. Existe também o que a autora chama de “*pressão social para beber*” porque o álcool facilitaria os contatos interpessoais ao agir como estimulante e dessa forma, facilitaria a inserção do indivíduo num determinado círculo social. Além disso, há relatos de que a bebida agiria como um “complemento vitamínico” ao ajudar o trabalhador a percorrer todo o percurso num ritmo de trabalho que é, no mínimo, exaustivo, considerando que essa categoria profissional possui poucos recursos para obter uma alimentação adequada.

Além das dimensões citadas, não podemos deixar de mencionar a questão profilática: a bebida seria considerada uma forma de proteção contra a realidade desagradável (possibilitando o enfrentamento do trabalho sujo, apressado e vazio) e funcionaria como uma “*assepsia*” interna ao fazer com que o trabalhador se sinta “limpo” novamente, após o contato com o lixo.

No estudo, a autora conclui que:

“o uso da bebida alcoólica tem como objetivo facilitar a execução das atividades exercidas pelo trabalhador da limpeza pública, seja no ritmo imposto pela equipe; seja na facilidade para lidar com o cheiro do lixo; de uma forma geral, é usada [a bebida alcoólica] para trabalhar.” (SANTOS in NASSIF, 2002, pág. 28).

CAMPANANA (in NASSIF, id.) observa que na literatura, de uma forma geral, fatores tais como fácil acesso ao álcool, localidades de forte influência sócio-cultural de bebidas alcoólicas, ocupações que favorecem o afastamento social e sexual, atividades que exijam alto rendimento físico, falta de supervisão no trabalho e pré-seleção de pessoas com probabilidade de desenvolver dependência, são considerados de risco para o alcoolismo

relacionado ao trabalho. Segundo FERREIRA JÚNIOR (in NASSIF, id.), os salários muito baixos ou muitos altos, a tensão, o estresse e o perigo também podem ser incluídos nesses fatores.

SONENREICH cita dois autores em sua tese de doutorado que também estudaram a questão do alcoolismo e o trabalho. O primeiro, SIELICKA, nos diz que a influência dos colegas de trabalho estão entre as maiores causas de consumo excessivo de bebidas alcoólicas na Polônia. O segundo, KEYSERLYING, comprovou um aumento do alcoolismo entre aqueles que trabalham em comércio de mantimentos. SONENREICH afirma ainda que entre os irlandeses parece haver uma conexão entre o álcool e os negócios. Em suas palavras: *“beber representa uma manifestação de solidariedade aos amigos, uma prova de aceitação como homem entre homens, igualdade entre o dono da casa e seus convidados, entre o político e seus eleitores, entre o vendedor e o comprador”*. (SONENREICH in NASSIF, 2002, pág 29).

Em sua tese, que teve por objetivo principal registrar as causas atribuídas ao alcoolismo de 158 sujeitos, *“apareceram em 9 casos, como motivação do alcoolismo, a perda do emprego, os desgostos e brigas no serviço”*. (SONENREICH in NASSIF, 2002, pág 29). Observou-se também que a profissão de motorista favorecia o desenvolvimento do alcoolismo, uma vez que foram encontrados 8% desses profissionais na casuística. As justificativas apresentadas foram as longas viagens com extensos períodos de solidão.

Os servidores públicos também foram apontados no mesmo estudo com um contingente acima do comum de etilistas:

*“Talvez mais do que a profissão em si, contribua uma tradição instalada em certas fábricas, repartições e outros estabelecimentos. Registram-se em São Paulo, muitos ambientes propícios ao alcoolismo. Os trabalhos duros, expostos à chuva, frio e calor excessivo, são usados como justificativa para a grande frequência do alcoolismo entre os empregados de certos serviços públicos”*. (SONENREICH, in NASSIF, pág. 30).

HIRATA (in NASSIF, id. ib.) e seus colaboradores realizaram uma pesquisa com

funcionários do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFM/USP) e constataram que, numa amostra de 57 casos detectados de alcoolismo, 21% eram serventes e 17,5% eram porteiros. Houve prevalência de pessoas com baixa escolaridade (56,3%), ou seja, que cursaram parte ou integralmente o primário. Um outro dado relevante foi o de que 49% da amostra afirmaram começar a usar álcool abusivamente após a admissão no hospital.

Segundo CAMPANA (in NASSIF, id.), apesar de existirem evidências a respeito da relação entre um maior uso de álcool por trabalhadores e certas profissões, não existe em nosso meio trabalhos científicos suficientes que correlacionem o tipo de atividade e de condições de trabalho com o aumento do consumo de bebidas alcoólicas. Além disso, cita um estudo realizado na década de 80 pela Hazelden Foundation no qual demonstra que, os sujeitos que em suas profissões, eram mais exigidos fisicamente e possuíam baixos níveis de decisão, estavam mais propensos a recorrerem ao alcoolismo.

De acordo com o mesmo autor, WILKINS concluiu numa pesquisa com 546 pacientes em Manchester, que havia maior número de alcoolistas em funções de baixo status. O Office of Population Censuses and Surveys da Inglaterra verificou alto índice de cirrose hepática devido ao uso de álcool entre publicitários, hoteleiros, marinheiros e garçons. Esses dados foram corroborados por HORE e SMITH (in NASSIF, id.) que encontraram, entre 334 pacientes de quinze clínicas especializadas, uma predominância de marinheiros, garçons, funcionários de hotéis e restaurantes, publicitários, enfermeiros, médicos e diretores de empresas. Na Suécia, AMARK (in NASSIF, id. ib.) constatou que viajantes comerciais eram treze vezes mais representados dentre os alcoolistas que a população em geral.

O *Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho* publicado em 2001 pelo Ministério da Saúde considera que o trabalho é um dos fatores psicossociais de risco para o

alcoolismo crônico. O consumo coletivo de álcool associado a situações de trabalho pode ser decorrente de prática defensiva, funcionando como um meio de garantir a inclusão no grupo. Pode ser também uma forma de viabilizar o próprio trabalho devido aos efeitos farmacológicos causados pelo álcool: calmante, euforizante, estimulante, relaxante, indutor do sono, anestésico e antisséptico. No referido manual consta, porém, que essas situações não são suficientes para caracterizar o uso patológico de bebidas alcoólicas e relaciona, a seguir, algumas ocupações em que os trabalhadores fariam uso mais freqüentemente de álcool.. Dentre essas profissões estão aquelas que se caracterizam por ser:

“socialmente desprestigiadas e mesmo determinantes de certa rejeição, como as que implicam contato com cadáveres, lixo ou dejetos em geral, apreensão e sacrifício de cães; atividades em que a tensão é constante e elevada, como nas situações de trabalho perigoso (transportes coletivos, estabelecimentos bancários, construção civil), de grande densidade de atividade mental (repartições públicas, estabelecimentos bancários e comerciais), de trabalho monótono, que gera tédio, trabalhos em que a pessoa trabalha em isolamento do convívio humano (vigias); situações de trabalho que envolvem afastamento prolongado do lar (viagens freqüentes, plataformas marítimas, zonas de mineração)”. (BRASIL, 2001, pág 175).

Dessa forma, havendo evidências epidemiológicas de excesso de prevalência de alcoolismo crônico em determinados grupos ocupacionais, essa ocorrência poderá ser classificada como doença relacionada ao trabalho. Trata-se então, de um nexo epidemiológico, de natureza probabilística, principalmente quando as informações sobre as condições de trabalho forem consistentes com as evidências epidemiológicas disponíveis.

Quanto à prevenção do alcoolismo, o Manual aponta que as ações que se limitam a realizar cursos e palestras com o intuito de transmitir conhecimentos e aconselhar sobre os efeitos prejudiciais do álcool no organismo, freqüentemente não são aproveitadas pelo trabalhador. De modo amplo, os resultados positivos somente são alcançados através de programas que identificam, nas situações de trabalho e no cotidiano do sujeito, os aspectos organizacionais e ambientais relacionados ao risco alcoólico, buscando implementar ações a fim de transforma-los, como por exemplo: práticas de supervisão e chefia direta em que a

dignidade e a valorização do trabalhador são consideradas; fornecimento de equipamentos e materiais de higiene (como por exemplo, chuveiros) adequados; disponibilidade de pausas, visando o alívio da tensão e redução e controle dos níveis de ruído e vibração nos ambientes de trabalho uma vez que, o álcool é usado muitas vezes pelos trabalhadores como hipnótico, como no caso dos motoristas de ônibus.

DEJOURS (in NASSIF, id.) acredita que o álcool pode ser usado como uma satisfação compensatória, como uma tentativa de aliviar o sofrimento psíquico frente à ansiedade e à angústia decorrentes do trabalho e acrescenta que:

“O vinho, a aguardente, são uma dose de energia nem tanto física, mas psicológica, que ajuda a enfrentar as condições de trabalho. Antes de retomar ao trabalho, uma dose de álcool ajuda por seu valor simbólico e por sua atividade psicofarmacológica”. (DEJOURS in NASSIF, 2002, pág 31).

AMES & REBHUN (in NASSIF, id.) em uma revisão bibliográfica sobre o tema mulher, álcool e trabalho, consideram que o padrão de uso do álcool é influenciado pela história e pela cultura (definida no estudo como uma organização baseada nos entendimentos e comportamentos compartilhados entre os membros de um mesmo grupo) que se entrelaçam com o ritmo de vida no trabalho. Consideram que, da mesma forma que a cultura influencia as circunstâncias, ocasiões e rituais para o beber, o tipo de bebida a ser consumida, padrões de definição sobre o que é ou não o beber pesado e os conceitos morais sobre o ato de beber, as normas culturais sobre esse comportamento são diferentes para homens e mulheres, em várias sociedades. Dessa forma, o padrão de uso de álcool entre mulheres pode ser entendido considerando-se a intrincada interação entre gênero, etnia, classe econômica e tipo de atividade de trabalho.

De acordo com esses autores, o fato de trabalhar fora de casa pode constituir um fator de risco para o abuso de álcool entre as mulheres, principalmente se o salário possibilita a compra da substância, têm alto nível de escolaridade e residem em centros

urbanos, embora apontem também que o emprego possa ser um fator de proteção contra o abuso de álcool.

Um outro estudo de mesma autoria, ao basear-se no pressuposto de que a cultura de algumas ocupações é influenciada pelo gênero, aborda o comportamento feminino de abuso de álcool em atividades primariamente ocupadas por mulheres (enfermeiras e comissárias de bordo) e, por outro lado, em atividades primariamente ocupadas por homens (médicos). No primeiro caso, a “American Nurse Association” estima que 6-8% do total de enfermeiras tem problemas com álcool ou outras drogas (não especificadas). Todavia, apesar de haver especulações de que essa profissão seja “estressante” o suficiente para encorajar o comportamento de beber, não há estudos detalhados relacionando o estresse decorrente do trabalho com o uso de álcool .

Quanto às comissárias de bordo, pode-se dizer que a maioria ainda é do sexo feminino, apesar de o número de homens ter aumentado nessa profissão nos últimos anos. Segundo os autores, fatores tais como: intensa escala de trabalho, condições de confinamento durante várias horas, alternância de períodos monótonos com períodos de atividade frenética, trocas constantes de fuso horário influenciando o hábito de sono, freqüentes períodos de separação da família e dos amigos, redução de salários e benefícios e instabilidade quanto ao emprego, são considerados de risco para o ato de beber. Existe ainda a questão acerca das supervisões, que geralmente são feitas através de corporações ou escritórios regionais e, raramente durante os vôos, o que dificulta a percepção dos sinais do uso de álcool pelos trabalhadores. Esses elementos são citados pelos autores como passíveis de exacerbar o desenvolvimento de problemas com o álcool.

Em relação à medicina, área em sua maioria historicamente ocupada por homens, as mulheres são colocadas como um grupo em que, a probabilidade de que se desenvolva problemas relacionados ao álcool é grande. RICHMAN & ROSPENDA, citados por AMES

& REBHUN (in NASSIF, id. ib.), apresentam três possíveis fatores de risco: déficit das relações sociais como consequência do processo de socialização profissional, estressores relacionados com cuidados ao paciente e ausência de suporte social no local de trabalho. Dessa forma, o álcool seria utilizado, segundo os autores, ajudando essas mulheres a enfrentar problemas baseados na socialização, nas regras ocupacionais coercitivas e na discriminação sexual presentes na formação profissional.

KAWAKAMI e colaboradores (in NASSIF, id. ib.) pesquisaram os efeitos dos estressores laborais sobre o uso e abuso de álcool em populações masculinas e femininas de trabalhadores no Japão. Foi utilizado o “modelo do beber induzido pelo estresse” (stress-induced drinking), o qual parte do pressuposto de que o sofrimento psíquico atua como mediador entre estressores do trabalho e o uso de álcool e ainda, a versão japonesa da escala SDS (Zung Self-Rating Depression Scale), em foi possível mensurar o sofrimento psíquico dos trabalhadores através do nível de sintomas depressivos encontrados nesse material.

A amostra da pesquisa foi composta por 1273 homens e 377 mulheres, todos bebedores usuais. Eles responderam a um questionário que contava com os seguintes temas: estressores laborais, uso de álcool e beber-problema. Abordaremos a seguir a categoria dos estressores laborais por acreditarmos serem mais relevantes para o nosso estudo.

Essa categoria foi definida em “estressores laborais psicossociais” e “estressores laborais objetivos”. Os primeiros foram subdivididos em: a) sobrecarga de trabalho (carga de trabalho, pressão de superiores e frequência dos pensamentos sobre o trabalho fora do horário de expediente); b) falta de recompensa intrínseca ao trabalho (“o trabalho é apropriado aos meus interesses”, “o trabalho é apropriado às minhas capacidades e habilidades” e “posso adquirir novos conhecimentos”); c) ambigüidade sobre o futuro do



trabalho (baixa possibilidade de promoção de cargo/ financeira e ansiedade sobre o futuro da vida de trabalho); d) falta de suporte social no trabalho (inexistência de bom relacionamento com o supervisor, falta de diálogo no trabalho, sentimento de pouca familiaridade com colegas e sentimento de isolamento no local de trabalho) e e) falta de controle sobre o trabalho. Os estressores laborais objetivos consistem em: a) horas extras de trabalho e b) revezamento de turno.(Cf. NASSIF, 2002, pág, 32-33).

A conclusão a que se chegou os autores foi a de que as horas extras de trabalho e a falta de recompensa intrínseca ao trabalho são fatores de risco para o abuso de álcool em trabalhadores japoneses do sexo masculino. No caso das mulheres, o dado mais citado como fator motivacional para o beber foi a incerteza quanto ao futuro do trabalho. Observou-se ainda que os cinco estressores psicossociais se encontram associados aos indicadores de sintomas depressivos no caso dos sujeitos masculinos. No caso das mulheres, somente a falta de recompensa intrínseca ao trabalho, a incerteza quanto ao futuro do trabalho e a falta de suporte social no local de trabalho estão associados àqueles indicadores.

CHAVES & SOUSA (in NASSIF, id.) relatam um estudo realizado em uma empresa de computadores, também no Japão, onde as grandes jornadas de trabalho, trabalho de turno, trabalho periculoso e com riscos de acidentes e a falta de reconhecimento pessoal, foram correlacionados com o alcoolismo. De acordo com uma pesquisa realizada por essas mesmas autoras com 67 operárias de uma empresa industrial do ramo do vestuário em Fortaleza, *“as relações de trabalho verificadas nesta amostra sugerem uma situação semelhante à encontrada em mulheres alcoolistas no Japão, caracterizada por insegurança no futuro, trabalhos rotineiros de pouca criatividade e sem significado”* (CHAVES & SOUSA in NASSIF, 2002, pág 33). Dessa forma, observaram que esses fatores poderiam ser preditivos para o desenvolvimento do alcoolismo.

No intuito de compreender melhor as relações entre organização do trabalho e alcoolismo, propomos agora avançar em nossa investigação expondo um estudo de caso. Admitimos, no entanto, a impossibilidade de fecharmos a questão com um único estudo de caso, mas acreditamos que teríamos muito a ganhar se passássemos agora de resultados mais gerais para um caso concreto, pois, assim poderíamos ter acesso àquelas particularidades que escapam aos estudos quantitativos e que são de suma importância para o avanço da Psicologia.

As relações entre o trabalho e o alcoolismo constituem um amplo problema que não deve se restringir à generalidade das estatísticas. A singularidade de cada caso traz consigo uma riqueza de detalhes que exige um olhar atento do psicólogo. Isso se dá porque cada caso se apresenta como único: quando olhamos mais de perto o problema, deparamos-nos com uma vivência que pertence tão-somente àquele sujeito.

### CAPÍTULO III

#### **Estudo de Caso: uma Reflexão sobre o Alcoolismo e suas Implicações Tomando como Sujeito um Motorista do Transporte Coletivo Urbano de Belo Horizonte**

##### História pessoal

Daniel<sup>4</sup> nasceu em Belo Horizonte a 01/04/1950. Passou grande parte de sua vida nessa cidade. Ainda criança, mudou-se para São João Del Rey e lá estudou até a quarta série do ensino fundamental, chegando a fazer o atualmente extinto exame admissional para a quinta série. Pelo fato de não ter sido aprovado, parou de estudar e logo depois a família voltou para Belo Horizonte. Foi nessa época também que Daniel perdeu seu pai, fato que para ele representou um sofrimento muito grande e trouxe também uma certa desestruturação para a família, principalmente no que se refere à questão financeira porque o sustento da família era basicamente proporcionado por seu pai.

Sua mãe, analfabeta, começou então a trabalhar como lavadeira para sustentar seus quatro irmãos, enquanto Daniel se ocupava dos afazeres da casa. Como o dinheiro que a mãe recebia era insuficiente para manter a família, Daniel começou a trabalhar aos quatorze anos fazendo pequenos “bicos” para ajudar no orçamento da casa: catava esterco na rua, fazia carregamento de mercadorias no mercado central e engraxava sapatos. Segundo ele, *“a idéia da minha mãe era que nós não trabalhássemos, ela só não queria que a gente fosse pro caminho da malandragem ou das drogas. Por minha mãe, apesar da ignorância dela na leitura, a gente não trabalharia, só estudaria, só que ela não tinha condições de nos manter”*. E acrescenta: *“Foi força da necessidade. O que eu preciso deixar claro é que ninguém nos impôs nada, e além disso, nós gostávamos de trabalhar, menos o irmão logo*

---

<sup>4</sup> Trata-se de um nome fictício.

*acima de mim, o mais velho*”. Já nessa idade, porém, “(...) tomava uma pinguinha, de brincadeira com os amigos, nos fins de semana, bebendo socialmente. O que eu não sabia é que, mais tarde, teria o vício da bebida”.

Ainda aos quatorze anos começou a trabalhar em uma oficina mecânica, inicialmente, como auxiliar e depois como lavador de peças de automóveis. Com alguma dificuldade, arrumou emprego de cobrador de ônibus e, algum tempo depois, tirou carteira de motorista, começando a trabalhar como motorista de kombi na mesma empresa que, posteriormente, o empregaria como motorista de ônibus. Daniel sentia-se bem pois havia conseguido realizar o sonho de ser motorista.

Essa nova fase fez com que Daniel melhorasse muito sua condição de vida porque, ganhando um salário melhor, pôde começar a construir sua casa e conquistou um pouco mais de conforto. Decidiu casar-se aos vinte e quatro anos e, desde que se separou, vive com outra mulher com quem tem dois filhos e que, segundo ele, tem sido sua grande companheira porque o suportou nos momentos de crise.

Daniel relata nunca ter tido problemas sérios de saúde, exceto depois dos quarenta e nove anos, idade em que começou a ter depressão, hipoglicemia (atualmente controlada com dieta), diabetes e aumento das taxas de colesterol no sangue (também controlado hoje em dia). Durante a sua vida, nunca dedicou muito tempo ao lazer, segundo ele, porque a profissão não permitia:

“eu tinha que, de certa forma, ficar à disposição da empresa. Quando tinha um tempo livre, passeava com as crianças, levava ao parque ... mas sempre estava muito cansado. Depois que comecei a ter problema com a bebida, aí só queria saber de ficar em boteco, e isso era ruim porque além de gastar todo o meu dinheiro, não ficava com as crianças. Eu bebia para esquecer os problemas e acabava criando um outro ainda maior: a conta do boteco sempre era alta demais”.

### *A trajetória como motorista*

Desde que começou a trabalhar como motorista no transporte coletivo urbano em 1972, Daniel passou por várias empresas mas manteve-se nesse ramo por toda a vida, até

ser afastado pelo INSS em 1990, condição em que se encontra atualmente.

Segundo o seu relato, as condições e a organização do trabalho não melhoraram com o passar dos anos. O constante medo de assaltos aos quais os motoristas estão expostos e o aumento considerável do trânsito na cidade, são alguns fatores citados como significativos para que *“o trabalho nessa profissão esteja cada vez mais difícil”*. De imediato, ele faz uma associação entre sua atividade e o alcoolismo, dizendo que, somando aos fatores citados anteriormente, os baixos salários recebidos e o risco do desemprego também convergem para que *“os motoristas façam uso do álcool, alguns em maiores e outros em menores quantidades”*.

A Viação Cruzeiro, primeira em que trabalhou, foi, segundo Daniel, uma “grande escola” apesar das péssimas condições de trabalho porque lá, ele aprendeu a trabalhar como motorista, inteirando-se das exigências do ofício. O período de nove meses em que lá permaneceu foi suficiente para perceber que, jornadas extensivas de treze ou quatorze horas por dia, horários incertos para começar e também deixar o serviço, veículos ruins e itinerários esburacados iriam fazer parte do seu cotidiano. Apesar disso, ele aponta que pelo menos era dado aos motoristas o direito de ter uma pausa de dez minutos à noite, para que pudessem fazer as refeições, iniciativa que não encontrou em nenhuma das outras empresas nas quais, posteriormente, viria a trabalhar.

Nessa empresa, afirma que o chefe chegava a bater nos funcionários quando eles faziam alguma reclamação. Diante dessa situação, a única saída que encontrou foi ficar calado, para *“não ter que apanhar também”*.

Nessa época, não apresentava nenhum problema de saúde e nem com o álcool, mas seu relacionamento com a primeira esposa começava a dar sinais de desgaste. Separou-se dela e começou trabalhar em uma outra viação.

Na segunda empresa, a Viação Amazonas, percebeu que a situação começava a se

modificar um pouco porque começou a fazer uso esporádico, segundo ele, de bebidas alcoólicas, que tinha um papel de relaxante das tensões vividas: “*eu me sentia sufocado e o álcool conseguia me manter mais relaxado*”. Um dos motivos que o levou a beber, de acordo com ele, foi a opressão sofrida durante sua vida principalmente no que se refere à sua trajetória profissional (na época Daniel estava com vinte e cinco anos), marcada pela exploração, pelos maus tratos e pela necessidade de auxiliar a mãe no orçamento familiar e ainda ajudá-la a criar seus irmãos, que eram pequenos:

“(…) eu sempre fui uma pessoa que trabalhou. Quando não tinha trabalho, precisei até pedir esmola na rua (...) e também sempre fui muito maltratado nesses empregos. Eu era um bom funcionário mas acontecia muita exploração. Por isso, acho que foi criando uma revolta dentro de mim. Quando era mais moço, eu criava meus irmãos enquanto minha mãe trabalhava, dava banho, fazia comida... Depois que tive idade, ajudava no orçamento da casa”.

Em seu relato, aponta que não existiam diferenças entre as condições de trabalho desta segunda empresa e a anterior. O que para ele significou um benefício, foi o fato de morar perto da garagem da Viação Amazonas porque podia chegar mais cedo em casa.

Possivelmente, por já ter começado a fazer uso de álcool nesta segunda empresa, o período de oito anos em que lá permaneceu, foi marcado por várias “idas e vindas”, como ele mesmo relata:

“eu trabalhava quatro, cinco meses e saía, depois trabalhava mais oito meses e tornava a sair. Eles me chamavam de volta e eu ia (...). Mas o fato é que do tempo de oito anos em que fiquei lá, não trabalhei nem um ano de maneira contínua, justamente por causa desse problema de bebida, né?”

E acrescenta:

“eu tinha um poder muito grande de recuperação do álcool, podia beber pouco, aí depois bebia muito, tornava a beber pouco, por uns dez ou quinze dias e depois bebia muito novamente, então acho que isso fazia com que eu pensasse que controlava a bebida, mas eu já estava começando a ter o problema [com a bebida] nessa época, que corresponde aos anos de 1973 e 1974”.

De acordo com Daniel, todos os funcionários da empresa sabiam que ele bebia porque morava perto da garagem e era conhecido no bairro, mas como isso somente acontecia fora do horário de trabalho e essa é uma prática relativamente comum entre os

motoristas, o chefe “*acabava fechando os olhos*” e ele voltava ao emprego.

Afirma que, já precisando fazer uso mais intensivo do álcool, chegou a ficar uma semana sem trabalhar. Naquela época porém, ainda não se preocupava muito, porque ainda não se considerava alcoólatra. As preocupações aumentaram somente na Viação Euclásio, onde passou a considerar-se dependente: “*eu já não agüentava trabalhar sem beber. Nas outras todas, eu bebia, e chegava determinada hora, eu parava e enquanto eu não largava serviço, eu não bebia (...). Na Euclásio, até trabalhando eu tava bebendo*”.

Durante esse período, Daniel diz ter tido um delírio, achando que seu pai ainda estava vivo, chegando até a discutir com a mãe por causa disso. Nesse trecho do depoimento, podemos observar como era a relação com o álcool em seu meio familiar:

“Eu sempre fui muito apegado ao meu pai. Ele era uma pessoa que sempre trabalhou muito, apesar de não ter emprego fixo. Bebia muito também. Aí, eu comecei a ver que as reclamações dele a respeito da exploração que ele sofria no serviço, eram as mesmas que eu tinha, apesar de ter pouco tempo de empresa. Ele chegava em casa e bebia porque muitas vezes não conseguia trazer dinheiro pra dentro de casa e depois, vi que fui fazendo isso também, isso já em 1973. Acho que tem uma lógica”.

Uma queixa apontada por Daniel em relação à Viação Amazonas foi a de que o chefe não conversava com os motoristas sem a presença de um policial para que, no caso de haver alguma ocorrência sobre algum motorista e diante da recusa deste em assiná-la, a prisão pudesse ser efetuada imediatamente.

Separado da esposa, disse que tinha mais liberdade para beber, apesar de não apresentar esse fato como causa para a bebida, associando seu vício com os sentimentos suscitados no seu trabalho e a separação com as conseqüências da bebida: “*...me dava bem com a minha esposa, somos amigos até hoje. O que eu sentia no trabalho é que me fazia sair dele e ir pro boteco. Ela não agüentou mais, com razão. Eu também não agüentaria*”.

No ano de 1978, saiu definitivamente da Viação Amazonas e começou a trabalhar na Santa Edwiges. Na época, conseguiu se afastar por um período de seis meses da bebida

mas, segundo ele, a rígida organização do trabalho, fez com que permanecesse nessa viação por apenas um ano e, durante esse tempo, voltasse a beber.

Essa empresa foi para ele, uma das piores em que já trabalhou, a começar pelas folgas de trabalho, que nunca coincidiam com o domingo: “... *era de segunda a segunda que se pegava serviço, das cinco da manhã até às oito da noite,(...) tirando só um dia de folga que nunca era no domingo*”.

Daniel afirma que somente conseguiu permanecer esse tempo na empresa porque precisava do emprego, além da necessidade de obter a sua carteira profissional<sup>5</sup> para não ficar desempregado. Segundo ele, o fato de ser uma linha intermunicipal (itinerário Betim/Belo Horizonte), poderia minimizar os problemas com os quais já havia se deparado antes, mas não foi isso que aconteceu. Os motoristas não tinham salário fixo e, dessa forma, recebiam por comissão sobre o número de viagens e passageiros. Denuncia também a exploração dos donos de empresas, que sempre pagavam menos do que a quantia merecida:

“A diferença que tinha das outras empresas era o modelo de pagamento (...) mas eles [os patrões] te enganavam nos primeiros meses. Se hoje o salário do motorista é de R\$ 800,00, lá você recebia R\$ 1.000,00 no primeiro mês e depois o salário ia caindo (...), o problema é que não tinha como fiscalizar, você sabe que fez tantas viagens, com tantos passageiros e eles simplesmente falam que você não alcançou a meta, ou que só fez a cota do salário, não conseguiu ultrapassar o número que eles queriam. Então o que a gente recebia ficava sempre em torno de R\$ 800,00 ou R\$ 820,00 [nos valores atuais]. É razoável mas não era o que eles tinham prometido. Na verdade, eles fazem o que eles querem, é até propaganda enganosa”.

Daniel reconhece que fazia uso do álcool nessa época, como um meio de relaxar, de aliviar as tensões sofridas no trabalho e também para esquecer a falta de dinheiro. Pelo fato de outros colegas também fazerem uso de bebidas, era comum sair do serviço e ir para um bar próximo, “*conversar sobre as condições de trabalho, a família e pensar na vida*”.

---

<sup>5</sup> Antigamente, o motorista (de ônibus) recém habilitado recebia uma carteira provisória, a qual Daniel chama de “amadora”. A carteira definitiva somente era entregue se o motorista passasse um período de aproximadamente dois anos, em uma média ou grande empresa de transporte, e não tivesse cometido faltas graves.



Foi contratado, então, pela Viação Nova Suíça, permanecendo lá por um período de seis anos (o que corresponde aos anos de 1981 a 1987). Na época, havia voltado a beber com mais frequência e em maiores quantidades, chegando a ser impedido de trabalhar algumas vezes por estar visivelmente alcoolizado:

“Era uma humilhação muito grande. A gente ficava em fila e o chefe olhava um por um pra ver se tinha bebido [Daniel disse que eram muitos os casos de alcoolismo]. Na época, eu achava aquilo um crime, uma falta de respeito com o motorista mas hoje, sei que ele estava certo (...). Eu não entendia porque ele sempre parava em mim, mas era porque já existia o grupinho das pessoas suspeitas, aquelas que provavelmente estavam alcoolizadas. Entendi depois de muito tempo que não era marcação não”.

Para Daniel, essa foi a empresa mais rígida em que já trabalhou, chegando a compará-la a uma instituição militar, embora reconheça que oferecia condições melhores de trabalho: *“você não podia trabalhar de cabelo grande, tinha que fazer a barba, os uniformes tinham que estar impecáveis ... mas também era a que oferecia as melhores condições de trabalho tais como, veículos melhores e pagamentos em dia”*.

Apesar das condições e forma de pagamento mais favoráveis, foi nessa empresa que ele começou a intensificar o uso de álcool, associando este fato à falta de liberdade dos trabalhadores, que não podiam fazer suas queixas:

“Na Nova Suíça, você tinha que escolher até as pessoas com quem ia conversar. Conforme você conversasse, você era chamado no escritório pra dar uma satisfação do que você estava falando e não precisava falar mal não, bastava estar falando de alguma coisa, como ‘o carro está ruim’ ou ‘o chefe fez alguma coisa com alguém...’ Lá tinha um livro de ocorrência (...) que você era obrigado a assinar todo dia... Tá certo eles serem rígidos, é melhor pra empresa e pros passageiros, mas eles não preparavam a gente pra isso, até se acostumar com esse regime diferente..., você que já vinha de um sistema diferente... Trabalhei lá de 1981 a 1987 e a mesma reclamação que eu tenho de lá, eu tenho das outras: a repressão... você só pode seguir ordens, só tem o direito de ficar calado”.

A última empresa em que trabalhou foi a Viação Euclásio, por volta de 1987, e nessa época, Daniel afirma que já estava totalmente entregue à bebida. Foi nessa empresa que passou pela maior crise em relação ao álcool, sobre a qual falaremos mais tarde. Embora seu alcoolismo tenha se iniciado na Viação Amazonas, consideramos importante detalhar as condições de trabalho e a forma de organização nesta última empresa porque

obtivemos um maior número de informações a seu respeito e, segundo ele, tais condições não diferem muito das anteriores. Com isso, esperamos detalhar um pouco mais o contexto de trabalho nessa categoria.

Vimos que Daniel passou por várias fases em relação ao álcool. Quando conseguiu tirar sua primeira habilitação em 1968, tinha o sonho de chegar a ser motorista de ônibus e quando isso se tornou realidade, achou que “...*tinha vencido na vida*”, devido às dificuldades (principalmente financeiras, mas também profissionais) que precisou enfrentar. Ao longo dos anos trabalhando como motorista de coletivos, foi aprendendo a perceber as diferenças entre as empresas e a se adaptar a elas, geralmente subordinando-se às normas impostas pela chefia e às condições de trabalho, que até hoje não são muito favoráveis aos empregados nessa categoria.

Daniel aponta que o acontecimento comum a todas as viagens era a exploração sobre os trabalhadores, sendo que estes quase sempre eram demitidos se não aceitassem as condições de trabalho que eram oferecidas.

Nessa época, o sindicato ainda não tinha um papel muito atuante e a própria falta de conhecimento da classe a respeito de seus direitos, fazia com que a situação se mantivesse. Daniel também era uma dessas pessoas que, segundo ele, somente soube o endereço do órgão que o representava, alguns anos depois de ter entrado para a profissão.

Diante de tantas dificuldades enfrentadas em sua vida pessoal e também profissional, a justificativa apontada por ele para beber é a de que: “*na impossibilidade de brigar pelos direitos, por uma condição mais justa e mais humana, a única saída que encontrei foi a de tomar umas pra relaxar*”.

Sua entrada para o movimento sindical, a partir de 1990, cumpriu um papel de libertação de toda a opressão vivida porque, nesse momento, Daniel pôde conhecer melhor seus direitos e ajudar outros profissionais de sua categoria a conhecê-los também. Isto fica

mais visível em seu próprio discurso: *“agora posso lutar e falar com os patrões de igual pra igual e isso que eu conquistei através de muita luta e sofrimento, ninguém me tira não. Eu estou orgulhoso”*.

Foi também em 1990 que afastou-se definitivamente da bebida, sugerindo que, ao conquistar a possibilidade de exprimir-se, de expressar suas dificuldades e reivindicar seus direitos, conseguiu vislumbrar outra forma de lidar com o seu problema.

Passaremos agora à parte do seu depoimento que se refere à Viação Euclásio, que compreende também o período em que atingiu o auge de sua crise e que, logo após a saída dessa empresa também conseguiu ficar abstinente.

#### A organização do trabalho

São vários os problemas apontados por Daniel quanto à organização e às condições de trabalho que encontrou na Viação Euclásio, problemas esses que vão desde a falta de compreensão da empresa para com o trabalhador (quando por exemplo, a empresa preferia demitir o motorista a renovar sua carteira de habilitação), até a falta de tempo para utilizar o banheiro devido à necessidade de se cumprir os horários. É interessante notar que são justamente esses dois aspectos (condições e organização do trabalho) que Daniel aponta como responsáveis pelo seu alcoolismo, conforme veremos adiante.

As entrevistas que foram feitas com Daniel, nos dão uma noção bastante clara e, diríamos, quase que exata do ambiente de trabalho e das exigências a que estão submetidos os motoristas. Portanto, não fica difícil entender que os problemas enfrentados pela categoria não são poucos, a começar pela pressão da chefia, que era implacável quando o motorista se atrasava, fato que ocorria também nas outras empresas em que trabalhou:

*“... quando a gente se atrasava por qualquer motivo (...) já tinha chefe que estava gritando com você, falando que você não tinha responsabilidade, que você estava matando horário, falando que ia te mandar embora... aquelas ameaças que se você estava precisando trabalhar, então era obrigado a tolerar tudo aquilo”*.

Segundo Daniel, algumas empresas têm colocado, hoje em dia, coronéis de polícia aposentados para fazer esse papel de repressão, trabalhando como contratados para fiscalizar os atrasos. No entanto, elas explicam aos motoristas que a contratação desses profissionais decorre da necessidade de segurança e não de punição, fato que é desacreditado por todos.

Os atrasos ocorriam muitas vezes porque grande parte dos motoristas enfrenta dificuldades para chegar ao local de trabalho. Daniel relata, por exemplo, que suas preocupações já começavam antes mesmo de ‘pegar serviço’ em época de chuva, porque a empresa em que trabalhava ficava do outro lado da Avenida Barão Homem de Melo, que alagava e ficava intransitável quando chovia. Dessa forma, um percurso que demoraria apenas dez minutos para ser feito, levaria cerca de uma hora nessa situação, já que ele teria que desviar do seu itinerário normal. Com isso, era comum ao motorista que saía atrasado, cair no que eles chamam de ‘buraco’, ou seja, mantinha-se uma distância muito grande do carro da frente, saindo praticamente junto com o carro que vinha logo atrás. Ele esclarece que isso acontecia quando os horários de saída dos ônibus eram muito apertados, de dois em dois minutos. Assim, a cada ponto que o motorista parava ele atrasava mais, uma vez que é obrigatório parar em todos os pontos. Dessa forma, quando acontecia essa situação, para tentar ajustar o horário, o motorista não tinha tempo nem de ir ao banheiro ou tomar água, até que algum chefe colocasse um outro carro na frente dele para tentar diminuir a distância causada pelo atraso, fato que dificilmente acontecia. Além disso, ele também relata um episódio em que um companheiro, por falta de local adequado, precisou fazer suas necessidades debaixo do ônibus, em plena Avenida Afonso Pena, o que lhe causou humilhação e ressentimento: *“nessa época, a gente pegava serviço estressado<sup>6</sup>, não tinha como não ir trabalhar estressado, porque durante o dia você não tinha tempo nem pra ir ao banheiro”*.

Constatamos também que a jornada de trabalho era longa, exigindo muito do motorista, pois, apesar do período oficial de trabalho ser de seis horas e quarenta minutos por dia, em média, eles precisam fazer as chamadas “dobradinhas ou esticadas”, que acontecem quando o motorista é escalado para trabalhar a fim de cumprir a jornada semanal, o que afetava o seu tempo livre e de convívio com a família. Assim, a única forma de lazer encontrada, segundo Daniel, era a bebida:

“Que outro divertimento você tem? Você tem que estar à disposição da empresa no mínimo onze horas (...), você não consegue dormir direito, nos padrões de oito horas por noite. No seu dia de folga, eles usam de sacanagem ainda de colocar você num determinado dia de tarde e te escalam ainda pra você pegar serviço no dia seguinte mais cedo, então acaba que você fica de folga no máximo só umas dezessete horas ao invés de vinte e quatro, ainda tem essa exploração da empresa. Quer dizer que você não tem nem tempo de conviver com a sua família. Eu pegava serviço mais ou menos meio dia e largava as dez, onze horas da noite (...) a partir da hora em que você começa a ficar alto, você não lembra que tem que trabalhar, que tem família pra sustentar, que tem compromisso...”.

E acrescenta:

“(...) tinha uma hora e meia ou duas de janta que eu ficava parado no ponto final. Mas ficar parado no ponto final, a gente sabe que, embora a lei fale que você tem que ter um horário de repouso e alimentação, é preferível você trabalhar direto do que ficar parado porque na hora que você vai entrar, atrasa mais pra você ir embora pra casa”.

Um dos problemas mais freqüentes enfrentados pelos motoristas (principalmente aqueles que trabalham no turno da noite), tem sido o número crescente de assaltos. Daniel ilustra muito bem esse fato ao dizer que: *“normalmente quando você largava serviço lá pras onze e meia, meia noite, você era assaltado, tinha vez de ter que ir embora a pé porque já não tinha ônibus”*. E não deixa de ser uma ironia que os próprios motoristas não possam usufruir desse serviço quando precisam.

---

<sup>6</sup> Daniel entende o termo estresse como “(...) falta de controle emocional. É a pessoa que se apavora com qualquer coisa, está constantemente nervosa”. Diz também que as atitudes de alguém ‘estressado’ não condizem com a realidade vivida naquele momento. Segundo ele, várias situações poderiam levar ao ‘estresse’, tais como “(...) o cansaço físico, cansaço mental, a situação econômica da pessoa, a convivência

afetiva com a esposa e os filhos...”. A sua explicação para o termo é necessária porque, como veremos mais tarde, esse é um conceito muito utilizado pelos motoristas no sindicato, e de uma forma geral, pela própria categoria.

Somando-se a isso está o fato de as empresas de transporte não se responsabilizarem pelo roubo, ou seja, se acontece um assalto, mesmo o boletim de ocorrência não serve como justificativa e o cobrador precisa repor a quantia roubada. A responsabilidade somente é dividida com o motorista se ficar constatado que ele teve alguma participação no assalto, o que se torna muito difícil uma vez que, os passageiros entram nos coletivos aleatoriamente:

“Quanto ao problema dos assaltos, qualquer pivetinho entra dentro do ônibus e dá medo. Você está vendo que vai ser assaltado pela cara do indivíduo e não tem segurança nenhuma, não tem como fazer nada, não existe ali um sinalizador que a gente possa acionar pra chamar direto uma central de polícia e isso é uma reivindicação antiga nossa (...). No caso do cobrador, por exemplo, se o ladrão chegar e assaltar ele com um revólver, ele chama a polícia, faz a ocorrência e a empresa ainda cobra dele o produto do roubo, ou seja, ele ainda é punido duas ou três vezes”.

Esse fato faz com que os motoristas tenham medo de trabalhar à noite porque com frequência, ao final do expediente, já não há mais ônibus em circulação, o que os obriga a voltarem para suas casas a pé.

Outro fator de preocupação apontado por ele foi a exigência da empresa de que o próprio motorista reponha qualquer peça danificada, que tenha estragado seja qual for o motivo:

“... aí tinha também o fato de que se quebrava uma mola, a empresa queria que você pagasse. Não era que você quebrasse de propósito, mas o itinerário é todo esburacado, carro lotado (...) como o motorista pode pagar uma coisa que ele não quebrou de propósito, com o salário que ele ganha? Se um motorista chega com o carro amassado, a empresa não acredita na versão dele, ela não acredita que veio um elemento que bateu na traseira dele e foi embora, porque mesmo com ocorrência policial a empresa ainda acaba punindo o motorista”.

Além disso, Daniel nos fala a respeito de um aparelho, o tacomaster que é obrigatório por lei e acusa tudo o que aconteceu durante o itinerário, medindo a velocidade, freadas bruscas, arrancadas violentas e golpes de direção e que, segundo ele, é usado para fiscalizar e punir os motoristas, o que só piora as condições de trabalho:

“Tudo o que acontece no carro, eles medem pelo tacomaster, que é uma espécie de caixa preta de avião, ele só não grava voz (...). Então, geralmente as empresas colocam um daquele ali pra fiscalizar o motorista. (...) um motorista que esteja começando, for inexperiente, só de saber que existe aquilo dentro do carro, pra ele é ruim, ele fica nervoso, com medo de errar e acaba errando”.

E nos dá um exemplo significativo:

“No caso do ônibus que caiu no [rio] Arrudas, eles [a empresa] foram direto no tacomaster pra tirar o disco e ver a velocidade que o motorista estava rodando. Aí esse mesmo disco não serve de prova, se caso um radar acusar que estava em excesso de velocidade, porque o radar diz que ele estava a oitenta, noventa quilômetros por hora e se o tacomaster acusar que ele estava na verdade a cinqüenta quilômetros por hora, aí não serve como prova. Nós tivemos problemas há uns anos atrás porque aquele radar da Gameleira acusou num ônibus noventa e cinco quilômetros por hora e quando tirou o tacomaster, o ônibus estava a quarenta e cinco quilômetros por hora e a BHTrans não aceitou o disco tacomaster como prova. E foram muitos, vários exemplos...”.

Antigamente, quando os passageiros entravam pela porta traseira, podia se observar um número alto de evasões. Tentando solucionar esse problema, foi firmado um acordo entre o sindicato dos patrões e a polícia em que o policial tinha que entrar e se manter na porta traseira, apesar de alguns soldados insistirem em entrar pela porta dianteira. Segundo Daniel, isso também era fonte constante de tensão:

“Se você deixava entrar pela porta dianteira, a empresa te dava advertência e depois suspensão pra te mandar embora por justa causa, pra acumular duas ou três pra te mandar embora. Se você não deixava ele entrar, ele fazia a multa, ou seja, você vivia espremido: ou era multado pelo guarda ou recebia advertência da empresa”.

A questão salarial é um outro aspecto da organização do trabalho que é percebido negativamente, sendo alvo de constantes reivindicações:

“O salário não dá pra você comprar um carro, ter um veículo pra se locomover ou pegar táxi. O salário hoje, não dá pra pagar uma prestação de R\$ 350,00 – com um salário de R\$ 749,00 hoje, como você vai manter? Se comprar um carro velho, você vai gastar com ele todo mês R\$ 200,00 ou R\$300,00 e aí não tem condição. Então o motorista é uma pessoa sacrificada em todos os sentidos. Muitos dos meus amigos bebiam era pra não ter que pensar que o salário não ia dar no final do mês”.

Somente depois de ter parado de beber foi que Daniel percebeu que, grande parte do seu salário era gasto com o vício. A bebida, até então utilizada como um recurso imediato

de alívio para as tensões, começou a ser considerada aquela que também o impossibilitava de ter uma melhor condição financeira:

“Eu gastava praticamente tudo o que recebia com a bebida. Depois que parei, foi como se tivesse pulado do fogo e ido pra água, a partir daí, a coisa se deslanchou. Só que não adiantava ninguém me alertar sobre isso, não. Acho que só passando pela experiência foi que eu consegui perceber. Por isso, acho difícil ver meus colegas de profissão passando por essa situação, da mesma forma que passei. Às vezes, você tinha um problema grande lá na frente e pra fugir do problema, você bebia, só que ao invés de você resolver o problema, acabava criando um problema grande lá na frente, que era pagar a conta do boteco. Só quando você ficava lúcido é que você via que depois era ter que pagar a conta da bebida, as contas de casa, dar atenção aos filhos...”.

A relação com os passageiros é vista de duas formas distintas: pode ser considerada como o reconhecimento de um trabalho bem feito, “*é a melhor coisa do mundo quando um passageiro te dá bom dia ou boa tarde, (...) a gente se sente mais humano. Dá até gosto de trabalhar*”; ou como um componente negativo da organização do trabalho, que reflete as tensões sofridas durante o expediente.

“Tudo isso aí é coisa que vai acumulando na cabeça do operador e quando você está quase deixando o serviço, já está tão exausto mentalmente, tão estourado que sem querer acaba maltratando passageiro (...) porque o passageiro não tem nada a ver com isso, ele vai te fazer uma pergunta na rua, sobre um itinerário, e você dá a ele uma má resposta, mas você está tão bitolado ali, tão preocupado, que sem querer você dá uma má resposta. Mas tirando aqueles que estão atrasados e ficam reclamando da demora do ônibus e os que são mal humorados, o passageiro não tem nada a ver com as condições ruins de trabalho, não. O próprio nome já diz: é passageiro porque desce, vai embora e você fica ali”.

Daniel relata que às vezes ficava nervoso devido ao trânsito caótico da cidade e nessas situações, recorria ao cigarro para relaxar:

“Têm motoristas que tem o vício de fumar (...). O cara que fuma e não pode fumar no veículo e está parado no trânsito, ele começa a ficar agitado e tudo pra ele é motivo pra ficar nervoso. Eu me lembro de quando fumava, que o cigarro me acalmava, ficava até tremendo e depois que fumava um cigarro, acalmava. Então são várias situações que você vive no trabalho e não tem ninguém pra te ajudar (...)”



### As doenças relacionadas à profissão

Daniel consegue relacionar as doenças mais comuns na profissão de motorista e, segundo ele, os problemas enfrentados mais comumente e que são causas de afastamento dos colegas são: “*estresse, problemas de coluna e de joelho e surdez*”. Um fato narrado é importante para entender melhor esses problemas:

“(…) inclusive outro fator é o problema da surdez (…). Tinha motorista lá que já tinha perdido de trinta a quarenta por cento da audição. Eu mesmo tenho problema de audição, eu escuto, mas, às vezes, tenho que pedir pra pessoa falar mais alto ou eu mesmo falo alto achando que estou falando baixo. Num carro de motor dianteiro o normal é dar noventa, até cem decibéis no mínimo, enquanto que os de motor traseiro dão apenas setenta, oitenta decibéis de barulho. Esses carros de motor dianteiro são mais baratos e por isso tem um custo menor. Pra os empresários é mais barato na questão da manutenção, mas não é na questão da saúde”.

Assim, ele completa dizendo que

“(…) tudo isso são fatores que vão estressando o motorista na jornada e ao longo da vida dele, além de assalto, guarda de trânsito, chefe de transporte, dono de empresa perseguindo... é comum olhar pelo retrovisor do carro e ter um chefe de empresa perseguindo pelo itinerário. Então, boa parte do que a gente [a categoria] sente, do que a gente pensa, é devido às más condições de trabalho, às péssimas condições que até hoje ainda tem”.

O valor de decibéis permitidos para que não haja prejuízo da audição é de aproximadamente 70 decibéis, mas atualmente este índice foi modificado para 80 decibéis, que em condições normais de trabalho e convívio cotidiano não afetariam a audição. Entretanto, para o motorista de coletivos, que chega a conviver com o barulho durante toda a sua jornada de trabalho e, considerando que não existem motores traseiros ou transversais em todos os veículos pelo fato disso não ser ainda uma norma, é possível que mesmo o valor de 80 decibéis já possa causar algum dano à saúde desses profissionais.

### O alcoolismo como alívio para as tensões

Muitas vezes, a saída encontrada por Daniel para as tensões vividas do dia-a-dia do seu trabalho era o álcool, conforme fica claro no seguinte trecho do seu depoimento:

“Quando você larga serviço, você quer relaxar, quer descontrair, esquecer de tudo o que você fez e a melhor forma que eu encontrei foi através da bebida. (...) Então eu tenho certeza que ir pelo caminho da bebida é uma maneira de esconder toda aquela tensão vivida diariamente e eu acredito nisso piamente até que me provem o contrário, senão vou me achar um fraco, um sem-vergonha, e isso, eu tenho certeza que não sou. O problema é que chega um determinado momento que você vê a bebida como uma luz no fim do túnel”.

Enxergar a bebida como “*luz no fim do túnel*” significa para ele, uma forma de descontrair e de relaxar a fim de obter a energia necessária para enfrentar sua rotina de trabalho no dia seguinte.

Sua crise atingiu o auge no período que vai de 1987 a 1989. Convém deixar claro, porém, que Daniel intensificou o uso de bebidas em 1984, doze anos depois de ter começado a trabalhar como motorista de ônibus.

Segundo ele, seu primeiro contato com a bebida (por causa de problemas relativos ao trabalho), ocorreu ainda na Viação Amazonas, “*apesar de já aos quatorze anos, gostar de sair pra beber com amigos nos fins-de-semana, de farra*”.

O período que abarcou esses anos em que bebia mais intensamente será o próximo aspecto a ser discutido.

### *Os anos de crise de Daniel*

Como dissemos anteriormente, o auge de sua crise em relação ao álcool compreende os anos que vão de 1987 a 1989. No ano seguinte, Daniel parou de beber definitivamente e mantém-se abstinente até hoje, como afirmou em seu depoimento.

Ele é contundente quando diz que seu vício pela bebida se deu principalmente pelos problemas enfrentados no trabalho, mas não conseguiu associá-lo ao período em que esteve na Viação Amazonas, dizendo ter se tornado dependente apenas quando trabalhava na Viação Euclásio.

Sempre afastava qualquer possibilidade de que o motivo do seu vício estaria nos relacionamentos familiares ruins ou ‘vazios’ ou que se tratava simplesmente de uma

‘afinidade’ prazerosa pela droga. Segundo ele:

“Eu sempre me dei bem com minha primeira esposa e nós continuamos amigos até hoje. Quando nos separamos, eu sentia de fato uma liberdade maior pra beber, mas era porque não tinha ninguém pra me cobrar, ninguém pra me exigir nada. A causa da separação foi a bebida e também o fato do casamento ter acontecido quando a gente era muito novo, mas eu bebia era pelas tensões do serviço”.

Esse dado é importante porque reforça a importância da organização do trabalho no desenvolvimento e agravamento do alcoolismo de Daniel, além de ilustrar um problema ainda pouco conhecido na literatura sobre o assunto, conforme vimos anteriormente.

Daniel relata que, durante os anos que antecederam esse período crítico, (que corresponde aos empregos anteriores à Euclásio) conseguia beber somente fora do expediente, em casa. Aos poucos, porém, a situação foi se agravando até que já não era possível manter o controle necessário. As discussões com a primeira esposa aumentaram até culminar na separação do casal. Sua mãe, na tentativa de ajudar, chegou a colocar remédios em sua comida mas isso não adiantou:

“(…) 87, 88 e 89 foram os anos mais críticos da minha vida porque, por exemplo, em 87 e 88, no volante do carro, eu não agüentava mais tirar um horário de trabalho, largava serviço e ia beber. (...) pra trabalhar eu tinha que ‘tomar uma’. 89 foi a fase mais crítica, porque aí eu ficava direto bebendo. Na [Viação] Nova Suíça eu tive uma fase meio crítica também. Lá ainda conseguia beber só fora da jornada de trabalho. Quando chegava no trabalho, tinha que ‘tomar uma’ pra agüentar trabalhar. Tinha dia de largar serviço até com o olho meio bambo porque não tinha tempo pra descansar, de sono e de cansaço porque não tinha dormido à noite”.

Segundo ele, a bebida era necessária para ajudá-lo a enfrentar as más condições de trabalho, a humilhação que todos os motoristas sofriam da chefia, a falta de dinheiro, de compreensão da empresa, sendo também uma forma de relaxar da tensão acumulada pelas longas jornadas de trabalho.

Ele expressou, assim, sua revolta contra o “sistema” autoritário no qual estava inserido, associando-o claramente com o seu vício:

“(…) quando chegava o horário de trabalhar eu estava revoltado contra o sistema porque tinha uma espécie de repressão em cima da gente. Impõe-se que você faça tal coisa e se não fizer é punido, é despedido. E então, como havia muito pouca compreensão da empresa, eu me entreguei à bebida, que era e ainda é uma coisa muito comum entre os motoristas, mas alguns bebem menos e outros bebem mais. Eu bebia mais. A minha revolta era contra o meu campo de trabalho. Lá a gente não tinha voz, ficava à mercê de todos os que comandavam o sistema, os chefes e donos de empresa.”.

Contudo, reconhece que a bebida o prejudicou e fala sobre a discriminação sofrida por aquele que bebe: *“eu percebi que os amigos que bebiam socialmente ou não bebiam foram se afastando de mim…”*, além de relatar sobre o efeito relaxante e de esquecimento dos problemas que a bebida provocava:

“(…) eu usava a bebida como uma forma de relaxar do trânsito, da fiscalização, da polícia, da Metrobel [atual BHTrans], eu não tinha com quem conversar, desabafar (...). Com o mesmo ganho que eu tinha antes, eu não conseguia ter o ritmo de vida que eu tenho hoje porque se na verdade eu recebia R\$ 250,00 por uma semana, R\$ 200,00 eu deixava no boteco, quer dizer, eu não conseguia ter um padrão de vida mínimo pra comprar nada pra mim e nem pra minha família. Olha só o ponto que a bebida me prejudicou…”

Em 1990, Daniel decidiu parar de beber e, desde então, está em abstinência. Atualmente faz uso de medicação controlada, mas durante as entrevistas disse que não se lembrava do nome dos remédios.

### *O trabalho e sua relação com o alcoolismo*

Daniel trabalhou com transportes coletivos por quase toda sua vida, passando por várias empresas de ônibus até ser afastado pelo INSS e começar a atuar como assessor para questões políticas no sindicato dos rodoviários, função que ocupa atualmente. Segundo ele, a bebida cumpriu o papel de relaxamento e fuga para as pressões sofridas dentro da empresa no que se refere às más condições de trabalho e à própria organização do trabalho. Apesar de considerar que o vício prejudica muito as relações familiares, não considera que os problemas de família tenham sido responsáveis pela sua motivação para beber, mas, ao contrário, foram conseqüências da bebida: *“eu sempre fui um cara que tinha*

*relacionamentos bons dentro da família, então isso não era de forma alguma a causa para a bebida”.*

E acrescenta:

“A gente largava serviço e ia pra lá até fechar o bar. Cada um tinha seus motivos, um era dívida, outro era a mulher, outro era serviço demais, outro era o dinheiro que não dava pra pagar as dificuldades, aliás, a maioria tinha esse problema, falta de dinheiro pra conseguir cumprir com todos os compromissos. E a fuga era a bebida. Eu, por exemplo, comecei a trabalhar com coletivos em 1972, então quer dizer, eu tinha doze anos de serviço. Então, eu tenho certeza que ir pelo caminho da bebida é uma maneira de esconder, de relaxar toda aquela tensão vivida diariamente. Muitos conseguem bancar a jornada de trabalho toda ela dentro de uma performance. Tem outros que são mais fracos e que quando acaba a jornada de trabalho está tão estressado, que o primeiro caminho dele é um boteco, o primeiro caminho dele é ‘tomar uma’. Tem muita gente que não bebe porque de natureza já detesta bebida, então essas pessoas sofrem de outra maneira (...), eu já convivi com pessoas que davam cabeçadas na parede de chegarem a racharem a testa. Os que bebem são mais descontraídos, são menos violentos porque bebem pra relaxar, enquanto que o outro está tensionado. São duas situações, você põe na balança um que está explodindo, sempre tensionado e outro que está descontraído, mas sob o poder do álcool. Essa é que é a realidade”.

Daniel ressalta que, apesar da bebida ser frequentemente utilizada por motoristas a fim de aliviar as tensões sofridas pelo trabalho, a maior causa de afastamentos é o ‘estresse’ e não o envolvimento com álcool, porque geralmente os motoristas que bebem, o fazem fora do horário do expediente e não assumem publicamente tal fato, o que não significa que não exista o problema. Assim, parece que o fato de o ‘estresse’ ser considerado pelas duas pessoas com quem conversamos (dentre elas um técnico em segurança do trabalho do sindicato e o próprio Daniel), como principal fonte de problemas, a questão do alcoolismo, pode ficar encoberta sendo um assunto pouco mencionado entre esses profissionais, embora pareça constituir-se numa das mais importantes dificuldades enfrentadas pela categoria.

#### *Apesar de tudo, o orgulho da profissão*

Embora aponte a profissão como a causa direta dos seus problemas com o álcool, Daniel orgulha-se de seu trabalho e faz uma distinção entre “trabalhar com amor” e “trabalhar por necessidade”. Segundo seu relato, há uma diferença entre o motorista atual e

o de antigamente no sentido de que hoje, a maior motivação encontrada para estar nessa profissão é somente o salário (mesmo acreditando que o motorista deveria ganhar mais devido às exigências e as constantes pressões às quais estão submetidos). Sobre essa diferenciação, Daniel nos diz que:

“Eu me lembro quando tirei minha carteira de motorista, existia uma festa quando a gente tirava carteira de motorista. Você está fazendo porque gosta, porque precisa, porque necessita fazer aquilo, você definiu que a sua vida, a sua profissão, vai estar definida assim como aquilo que você escolheu fazer na faculdade (...). Então era a mesma coisa com o motorista de antigamente. Era um ponto de honra, quando ele punha a carteira de motorista nas mãos, era um diploma, como se fosse um motorista profissional”.

E acrescenta:

“Quando eu falei que antigamente o motorista trabalhava com amor, o cara quando pegava serviço naquela época, ele abraçava aquilo com amor, seja no ônibus, seja no caminhão. Ele não trabalhava pra receber, pelo salário mensal não. Trabalhar era exercer aquela função (...). Se você anda de ônibus, pode observar que hoje os motoristas estão de roupinha de marca, óculos escuros (...), eles não sabem nada do passado, eles só sabem daquele presente ali, mas como foi formado um motorista de ônibus, isso ele não sabe. Por exemplo, se você está num ponto de ônibus há mais de quarenta minutos e o motorista passa lá pro lado de lá, então aquele não é o verdadeiro motorista de ônibus, aquele é uma pessoa que está sendo motorista de ônibus”.

Atualmente, Daniel está afastado pelo INSS mas pretende voltar a trabalhar como motorista de ônibus assim que sua licença acabar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de concluir este trabalho, gostaríamos de ressaltar que não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, mas apenas a de fornecer alguns subsídios que permitam aumentar a compreensão sobre as possíveis relações entre alcoolismo e trabalho. Acreditamos ter conseguido expor, mesmo que parcialmente, um pouco do sofrimento advindo da organização rígida do trabalho dos motoristas de ônibus e suas possíveis relações com o abuso do álcool entre esses profissionais, sendo esse, o nosso objetivo principal.

O Manual de doenças relacionadas ao trabalho do Ministério da Saúde (BRASIL, 2001) reconhece o trabalho como um dos fatores de risco para o alcoolismo crônico e aponta dois fatores pelos quais o indivíduo faz uso de álcool: para garantir inclusão no grupo ou para viabilizar a execução do trabalho por estar sob os efeitos farmacológicos do álcool. Nessa publicação, encontramos também, ocupações com maior frequência de alcoolismo, dentre elas, as de transporte coletivo ou as que envolvem viagens frequentes, como é o caso de alguns motoristas profissionais.

O caso de Daniel sugere que seu alcoolismo guarda uma estreita relação com as experiências vivenciadas em seu cotidiano laboral, o que faz com que voltemos nosso olhar também para a organização e as condições de trabalho, ao tentarmos compreender este transtorno. Antes, porém, faremos algumas considerações a respeito de sua vida pessoal.

Daniel parece ter convivido com o álcool desde muito cedo em seu ambiente familiar. O pai, como ele nos mostra em seu depoimento, fazia uso de álcool e este estava sempre relacionado aos problemas enfrentados pelo trabalho (ou pela falta deste). É interessante notar que quando Daniel nos fala do delírio que teve sobre seu pai, acreditando que ele ainda estava vivo, constata também de uma ‘certa lógica’ entre o que pai sofria nos

ambientes de trabalho e o que ele próprio estava vivendo, fato esse que sugere uma possível identificação<sup>7</sup> com a figura paterna. A bebida era assim compreendida por Daniel como uma forma de aliviar as tensões causadas pelo trabalho e a necessidade de manter a subsistência da família com o pouco dinheiro que era recebido.

Outro aspecto que também chamou nossa atenção, foi o de que Daniel somente passou a se considerar alcoólatra anos mais tarde da instalação do problema. No entanto, já na Viação Amazonas (período que compreende os anos de 1973 a 1978), ele apresentou sinais de que necessitava cada vez mais do álcool, embora somente na Viação Euclásio (a partir de 1987), essa condição tenha se tornado evidente para ele. Talvez isso reflita o fato de que a bebida fazia e até hoje ainda faz parte da ‘cultura’ dos motoristas de ônibus, sendo, portanto, considerado um hábito normal até que se torne patológico.

No caso descrito, também encontramos dados importantes relativos à recuperação de Daniel, já que esta ocorreu no momento em que sentiu que podia manifestar suas insatisfações a partir de sua atuação no sindicato, ajudando outros ‘companheiros’ a conhecer melhor e a fazer uso de seus direitos. Ou seja, sua recuperação ocorreu quando ele pôde ‘expressar sua revolta, fazendo-se ouvir’ no contexto de uma ação organizada, sendo que mantém-se em abstinência até hoje, quatorze anos depois. Dessa forma, talvez pudéssemos considerar (com todo o cuidado que isso envolve, uma vez que, sabemos que um único estudo de caso não é suficiente para a generalização da questão) que a participação mais direta do trabalhador nas questões que envolvem seu trabalho, ou seja, o

---

<sup>7</sup> Segundo LAPLANCHE e PONTALIS em seu *Vocabulário de Psicanálise*, a identificação é um “*processo psicológico pelo qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro*”. (LAPLANCHE, 2001, pág. 226).



fato de ter acesso talvez seja uma importante forma de prevenção de certas doenças, inclusive o alcoolismo.

Em relação às condições e à organização do trabalho, poderíamos dizer que a falta de tempo (e lugares adequados) para satisfazer as necessidades mais básicas, como por exemplo, utilizar o banheiro ou ter pausas adequadas para repouso e alimentação, a pressão exercida pela chefia, jornadas de trabalho excessivamente e longas e com horas-extras de acordo com a conveniência das empresas, pressões de tempo para o cumprimento de horários, esforço físico demasiado, condições ruins das frotas em uso, altas exigências de atenção e/ou de responsabilidade e o medo constante de assaltos, são alguns dos fatores que podem levar ao cansaço físico e mental dos motoristas, e conseqüentemente, a uma baixa qualidade de vida, fazendo com que medidas paliativas tais como o uso de bebidas alcoólicas, estejam se tornando mais comuns a cada dia dentro da categoria como forma de reduzir as tensões causadas pelo trabalho. Nesse sentido, concordamos com SELIGMANN-SILVA quando afirma que: o álcool tem sido utilizado “*em situações em que as pessoas a ele recorrem para anestesiarem o sofrimento psíquico*” (SELIGMANN-SILVA, 1994).

Além disso, todas as empresas em que Daniel trabalhou apresentavam condições e formas de organização do trabalho muito parecidas, com altas exigências físicas (como por exemplo, conviver com calor e ruído quase que ininterruptamente por um período de até onze horas por dia) e de atenção, o que parece também provocar desgastes significativos à saúde desses trabalhadores.

Observamos entretanto, que as condições de trabalho parecem ter melhorado ao longo dos anos, com a adoção, por exemplo, de veículos de motor traseiro que possibilitam menores níveis de ruídos e calor. A Viação Euclásio, por exemplo, possui esse tipo de motor em cerca de 70% de sua frota. Contudo, não podemos precipitadamente afirmar que uma certa melhoria nas condições de trabalho tenha se refletido também na organização do

trabalho, uma vez que é comum esse tipo de melhoria redundar em um aumento de exigências do empregador, que recorrem a elas como uma exigência extra para que, por exemplo, os motoristas sofram menos acidentes, uma vez que estariam menos influenciados por condições adversas tais como o calor e o ruído. Um belo exemplo disso pode ser encontrado na fala de um outro entrevistado<sup>8</sup>, o encarregado (ou chefe) da Viação Euclásio. Segundo ele, se acontece algum acidente, toda a responsabilidade e a culpa recaem sobre o motorista porque “*se o veículo é bom, se está em boas condições de uso e ainda é silencioso e não esquenta, o que mais o motorista pode querer? Vou exigir mais é de quem está dirigindo*”. Parece-nos, assim, que pode estar ocorrendo um aumento de pressão sobre o trabalhador. Com isso, os efeitos nocivos da organização do trabalho sobre a saúde psíquica dos trabalhadores podem até ser agravados, apesar das melhorias nas condições de trabalho.

Dessa forma, acreditamos que para que sejam diminuídos o sofrimento e o adoecimento mental nessa categoria, seria necessário que houvesse uma maior flexibilidade na organização do trabalho e não somente uma melhora de suas condições, que são importantes, é claro, mas desde que não sejam usadas como argumento para aumentar as exigências, como se têm observado em grande parte das empresas.

Segundo dados do sindicato dos motoristas, apenas 5% dos casos de afastamento pelo INSS são decorrentes do alcoolismo, sendo que a grande causa seria o *estresse*<sup>9</sup> provocado pelas más condições de trabalho (condições essas representadas pela grande

---

<sup>8</sup> A entrevista foi realizada no ponto final (PC) da Viação Euclásio, depois de observarmos o itinerário da linha 4034 (Novo Dom Bosco/ Savassi – via Padre Eustáquio) na tentativa de verificarmos como se dava o trabalho no próprio ambiente em que era realizado.

<sup>9</sup> Esse termo foi utilizado pelo técnico em segurança do trabalho, também entrevistado por nós. Fica evidente que esse ‘diagnóstico’ aparece de maneira relativamente freqüente entre as pessoas do sindicato.

maioria das frotas de ônibus de Belo Horizonte, que ainda são ruins). Esse fato não reduz porém, a importância da presença do alcoolismo na categoria, uma vez que a informação que obtivemos foi a de que o motorista começaria a beber mais frequentemente também em decorrência do afastamento, considerando ainda aqueles que não assumem que são dependentes do álcool ou cujos diagnósticos não foram realizados adequadamente. Provavelmente, os quadros diagnosticados são mais graves. Talvez por esse motivo, a maioria das queixas de afastamento registradas no INSS sejam de *alcoolismo associado a transtornos mentais* e não de *alcoolismo* isoladamente. Se houvesse um levantamento mais cuidadoso, acreditamos que o número de afastamentos por envolvimento com o uso de bebidas alcoólicas seria bem maior.

No caso estudado por nós, procuramos resgatar a história pessoal e de trabalho de um motorista para que com isso, pudéssemos reconstruir as possíveis causas de seu adoecimento. Porém, mesmo com todos os indícios de uma possível relação entre seu quadro e suas condições de trabalho, devemos ser cautelosos: os dados coletados e, sobretudo, o fato de serem apoiados em apenas um estudo de caso, como já dissemos, são insuficientes para o estabelecimento de um nexó definitivo. Nossa intenção aqui foi, essencialmente a de investigar e levantar questões acerca da realidade estudada sem a pretensão de encontrar respostas definitivas para um problema tão complexo e ainda pouco desvendado.

## BIBLIOGRAFIA

-BRASIL. Ministério da Saúde. *Doenças Relacionadas ao Trabalho – Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde*. Brasília, 2001.

-KAPLAN, H. I. *Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Tradução Dayse Batista – 7ª edição . Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

-LAPLANCHE, J. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução Pedro Tamen – 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

-LARANJEIRA, R., PINSKY, I. *O Alcoolismo*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

-LIMA, M. E. A. *A Relação entre Distúrbio Mental e Trabalho – Evidências Epidemiológicas Recentes*. No prelo.

\_\_\_\_\_. *A Relação entre Doença Mental e Trabalho – Elaboração de um Perfil Epidemiológico em Hospitais Psiquiátricos de Barbacena e de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. (Relatório de pesquisa).

-NASSIF, L. H. *Uma Contribuição da Psicopatologia do Trabalho para o Estudo do Alcoolismo no Trabalho: estudo de caso em uma instituição pública de ensino superior*. Manuscrito. Belo Horizonte, 2002.

-RAMOS, S. P., BERTOLOTE, J. M. *Alcoolismo Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

-REIS, J. *Folha de São Paulo, Caderno Mais!*, São Paulo, 2001.

-SELIGMANN-SIVA, E. *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Cortez Editora, 1994.